

BRAZILIAN GUITAR MAGAZINE

Edição Nº 3 – Publicada em 31 de Março de 2008

A Revista do Violão Brasileiro
www.BrazilianGuitar.net

ÍNDICE

Editorial.....	2
Entrevista – Roberto Gomes	3
Artigo – Violão Popular Brasileiro no Exterior	7
Artigo – Violão Erudito Brasileiro no Exterior	12
Entrevista – Brasil Guitar Duo.....	16
Evento – Fenavipi – Ana Vidovic.....	24
Evento – Fenavipi – Fábio Zanon.....	28
Evento – Fenavipi – João Carlos Victor	32
Artigo – Áudio Publicitário	36
Partitura – Choro Trava-Dedos, de Angelo Zaniol.....	39

Editorial

No editorial anterior, falamos do espírito de doação necessário para começar uma revista eletrônica de “código aberto”. Para este novo número, as palavras de ordem talvez sejam *compromisso* e *dedicação*. A recepção das duas primeiras edições foi altamente positiva e as pessoas esperam ver mais, portanto agora é preciso que haja *dedicação* para que o projeto continue e que haja *compromisso* com a qualidade e o padrão estabelecidos.

Com essas idéias em mente, preferimos deixar em aberto o prazo para o fechamento desta edição, que não aconteceu no período de 30 dias, e não abrimos mão de fazer a maior cobertura possível de eventos, entrevistas e curiosidades relacionadas ao universo violonístico com qualidade. O resultado é que esta terceira edição é a maior de todas e tem um número de páginas e uma qualidade de conteúdo que, na nossa modesta e tendenciosa opinião, não deve nada ao das melhores revistas especializadas do mundo inteiro.

Mais uma vez, esperamos que apreciem a terceira edição desta nossa revista eletrônica. Assim como na música, os grandes juizes do nosso trabalho serão o tempo e o público apreciador e esperamos que ambos sejam lenientes conosco.

Mais uma vez, nosso imenso “muito obrigado” a todos os colaboradores.



Entrevista

LUTHIER ROBERTO GOMES

Roberto Gomes desenvolveu uma das mais ricas carreiras na história da luteria no Brasil. Dono de um espírito inquieto e criativo, aliado a um fortíssimo compromisso com o aproveitamento racional dos recursos naturais, Roberto transita com igual competência entre réplicas de violões históricos do século XIX e proposições mais radicais como o Spiritus e o violão de Pinus, uma madeira obtida inteiramente de árvores reflorestadas.

Roberto, por favor nos conte um pouco sobre como surgiu seu interesse pela luteria.

Eu fui me interessar pelo violão lá pelos 15, 16 anos e, claro, eu gostava de rock dos Beatles, Stones, Cream, Jimmi Hendrix, The Who etc, mas tinha uma admiração enorme pelo clássico, só não agüentava aquelas cantorias chatas de ópera. Aí um amigo me emprestou um violão de nylon, acho que era um DiGiorgio, a ação estava meio alta e resolvi abaixar o rastilho e ficou uma m.... Levei lá na Del Vecchio na Rua Aurora para eles arrumarem e fiquei encantado com o lugar. O Chico Del Vecchio me levou para fazer um tour pela fábrica, gostei muito de ver o pessoal trabalhando, e o cheiro das madeiras e vernizes foi o que chamou mais minha atenção. Poucos anos depois tive uma guitarra Snake com acabamento em sunburst, mas queria que ela ficasse igual a Epiphone do John Lennon e lixei todo o verniz, putz, acho que demorou uns 10 dias para fazer isso e ficou mais ou menos. Então acho que estas foram as primeiras experiências com luteria.

Em 1978 conheci o Marcus Llerena que estava estudando em Madrid com Don Áureo Herrero, um ex-aluno do Segóvia na década de 30, e Don Áureo me aceitou como aluno. Em Agosto daquele ano fui para Madrid. Acabei ficando lá um ano e foi aí que o bicho da luteria me pegou. Para aumentar o orçamento mensal tinha que dar aulas particulares, tocar na noite e até no metrô, o que era muito divertido, e dava para ganhar um troco. Cheguei até comprar um violão folk com cordas de aço, todo em madeira compensada, e o bicho tinha uns graves bons, mas os agudos eram muito fracos e resolvi tirar o fundo e deixar as laterais mais rasas. Ficou mais ou menos, mas melhorou os agudos. Também conheci as feras da luteria madrilenha de então: Ramirez, Contreras, Arcangel Fernandez e o Vicente Camacho, ficando amigo deste. Adorava ir ao seu atelier e vê-lo trabalhar. Cheguei a ter dois violões do Camacho. De volta ao Brasil, comecei a fazer alguns reparos e em 1982 montei um kit inglês de um alaúde renascentista de 7 ordens e logo depois fiz meu primeiro violão e, desde então, me dedico totalmente à luteria.



Você é conhecido como um luthier inovador, criador do Spiritus, e ao mesmo tempo capaz de fazer réplicas impecáveis de violões históricos como o Torres. Você vê algum conflito entre as abordagens tradicionais e modernas de construir instrumentos?

Nenhuma se você devidamente aborda cada qual à sua maneira, Em 1991 queria fazer uma homenagem ao Maestro Torres, já que em 1992 faria 100 anos de sua morte e este modelo foi um dos que mais vendi tanto no Brasil como nos EUA e Japão. Já o Spiritus foi resultado de uma busca que começou em 1990 com os violões de fundo duplo, pois achava que o violão clássico tradicional não tinha mais o que dar, somente um passado glorioso. Veja bem, eu o adoro, mas sempre quis algo mais, algo que tirasse o violão de sua posição medíocre dentro da música séria, um violão que desse para tocar com orquestra sem amplificação já que o fraco do instrumento é seu pouco volume.



Você vem pesquisando madeiras alternativas há um bom tempo e atualmente desenvolve um projeto com o Pinus Elliotti (codinome Violão de Pinho). Poderia falar um pouco sobre o que o levou a desenvolver esse projeto e porque escolheu essa madeira, em vez de outras?

Bem, desde criança tive a sorte de ter muito contato com a Natureza e ao longo dos anos fui vendo o genocídio da nossa flora (para não falar também da fauna) tudo em prol do “progresso”, do lucro. O brasileiro, em geral, trata-a como mato, o que realmente era em termos de quantidade desde a descoberta deste país, que tem nome de madeira,

mas não pararam até hoje e, claro, tem uma hora que acaba. O que não se via era que estávamos cavando a própria cova, isto é, gerando o que hoje é uma realidade, um desequilíbrio progressivo alarmante de degradação ambiental neste planeta em que vivemos. Hoje o aquecimento global, as mudanças climáticas são realidades e, se não se puser imediatamente o pé no freio, a geração do meu filho, que tem 18 anos, e dos meus netos, irão sofrer muito daqui a 20 ou 30 anos.

Por isso fui buscar uma madeira de reflorestamento aqui no Brasil que tivesse propriedades acústicas, de extração relativamente rápida (20 anos) e só havia duas espécies, o eucalipto e o pinus (Pinus elliottii) e, o eucalipto, não acho que sirva para nada na construção do violão.

Como tem sido a reação e a recepção dos violonistas ao projeto do Pinus Eliotti?

De surpresa, pois soa como violão. Ainda estou refinando o projeto. Agora a recepção não tem sido muito boa, pois a mentalidade estabelecida há séculos é que tem que ser com jacarandá, abeto, ébano e cedro. Obviamente estas madeiras são fantásticas, só que vivemos em outros tempos e temos que nos adaptar à realidade atual achando alternativas para um violão ecologicamente mais correto.

Qual a expectativa de custo de um violão com o Pinus?

Uns trinta por cento mais barato do que meus modelos com madeiras tradicionais já que o trabalho é o mesmo, aliás, dá um pouco mais de trabalho e só economizo com o custo das madeiras.

O violão de pinho estará disponível em diversas plantas ou apenas no molde do Spiritus? Pensa em combinar o Pinus com outras madeiras?

Estou fazendo um agora que é no estilo Torres/Hauser para demonstrar que resultados o pinus oferece num violão bem tradicional. Olha, 90% destes violões são em pinus, mas a escala, o cavalete, os filetes e a chapa da mão são em jacarandá-da-baía ou de Minas/São Paulo de origem comprovadamente reciclada de demolições, móveis, etc, tanto que acompanha um atestado de procedência destas madeiras.

Vários músicos profissionais adoram seus violões e lamentam que você não use mais madeiras tradicionais.

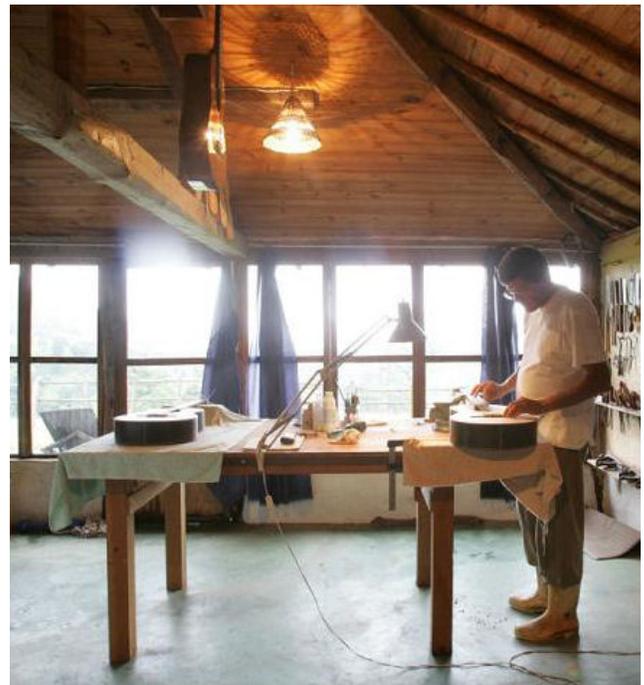
Curioso isto. Vários profissionais têm violões meus e, os que não tem, tiveram mais de duas décadas para encomendar e, não o fizeram. Então parece que estes últimos querem que eu continue usando madeiras tradicionais apenas para que eu faça parte do rol dos bons luthiers, é como se eu fosse um troféu numa prateleira.

Porque abandonou essas madeiras?

Curiosamente tem muita gente achando que estou sendo ultra-radical nesta atitude de não mais usar madeiras tradicionais. Talvez seja porque a maioria nunca foi no meio da Mata Atlântica no Sul da Bahia e viram um pé de jacarandá centenário ser derrubado levando de roldão tudo a sua volta, a passarinhada desesperadamente piando vendo seus ninhos caindo, uma paca correndo para proteger sua ninhada e o buraco que ficou no meio da mata com várias pequenas árvores quebradas em volta. E foi somente uma árvore! Imagine dezenas, centenas delas e, assim, acontece todo santo dia na Amazônia. Legal, né?!

Como é a vida de um luthier de violões clássicos?

Dura, muito dura. Acordo às 5 da manhã e às 6, 6 e meia já estou trabalhando, só paro para o almoço seguido de uma sesta (influência madrilenha) e lá pelas 2 da tarde volto ao atelier e vou até 6 ou 7 da noite. Como moro em área rural há muitos anos, gosto desta rotina diária, pois é bastante produtiva e agradável. Quem é profissional da área sabe que não é mole e não é salubre, principalmente por causa da poeira e vernizes, então tento manter o atelier sempre limpo e organizado, uso máscaras e luvas, mas mesmo assim já há vários anos tenho tido problemas de intoxicação por causa dos vernizes e mais recentemente estou com uma epicondilite (cotovelo de tenista, LER) no braço direito de tanto “bonecar” com a goma-laca, aplainar madeiras a mão, raspilhar e por aí afora. Minha médica também me recomenda veementemente que eu não faça as contas de quanto ganho por hora, ela acha que posso ter um infarto fulminante!



Como você vê a operação da Polícia Federal que levou à apreensão de jacarandá-da-baía em várias partes do país?

Ótima! Como é que pode uma coisa destas? Esse picareta que se intitulava luthier ganhando rios de dinheiro vendendo toneladas de jacarandá ilegal no exterior? O cara sujou o nome de nós profissionais sérios e responsáveis que há anos trabalhamos duro, com honradez e determinação. Também é um alerta para que se busquem madeiras alternativas, de preferência de reflorestamento e ou recicladas.

Você é um luthier que morou nos EUA e construiu instrumentos por lá, inclusive usufruiu uma exposição até então inédita para os luthiers brasileiros, dando palestras e escrevendo artigos. Hoje, de volta ao Brasil, traçaria algum paralelo entre os dois mercados?

O mercado norte-americano é único porque os EUA são a maior economia do planeta e lá se consome de tudo de uma maneira insana. Atualmente o Brasil é a sexta economia mundial, mas tem desníveis sócio-econômicos e educacionais gritantes. Nós somos os primos pobres, mas mais interessantes do que eles. Quando comecei a fazer violões há quase 30 anos havia meia dúzia de luthiers e parece que hoje temos mais de 80. Este expressivo aumento de artesãos é resultado de melhor acesso à informação (Internet), estabilidade econômica, maior facilidade de aquisição de materiais para o ofício e uma conscientização maior por parte dos violonistas. Acho que nenhum outro país do mundo teve um crescimento tão rápido nesta área quanto o nosso e o futuro próximo parece extremamente promissor.

De onde surgiu a idéia de dar nomes aos instrumentos que você constrói?

Foi influência do meu amigo José Romanillos.



Dentre os luthiers brasileiros, você costuma despertar reações bastantes polêmicas. Muitas pessoas são entusiastas do seu trabalho, enquanto outras fazem críticas mordazes. A que atribui essa polarização?

Bem, ainda sou um ser humano com todos os prós e contras. Quando se lida com arte (música, luteria, comerciantes de violões) e artistas (luthiers, violonistas) é uma relação extremamente atípica ao comum da grande maioria das pessoas. Desde que comecei com a luteria me entreguei de corpo, alma e espírito a ela, sempre tentando extrair o meu melhor para conseguir bons resultados, para me superar para assim poder oferecer um produto de alta qualidade, conseqüentemente, espero que a contraparte também assim se comporte e quando um cliente não cumpre o combinado em termos de pagamentos, muitas vezes de uma forma leviana, fico extremamente desgostoso, pois vivo disso e tenho minhas responsabilidades mensais. Também este meio, infelizmente, tem muita mascaração, pose, enrolação e intenções maliciosas e, não tenho nenhuma paciência para isto. Ao longo destes anos, várias vezes, disse verdades que muita gente não gostou. Talvez, hoje, eu pediria desculpas a algumas delas. Já para outras, repetiria novamente o que foi dito.

Algum projeto ainda não realizado que gostaria de colocar em andamento?

Harpas aeólicas e o ovo de Walter Smetak.

Roberto agradecemos imensamente pela entrevista. Mandaria algum recado para os leitores da BGM?

Sou eu que agradeço, obrigado! Que os violonistas estudem muita técnica, mas principalmente toquem com o coração, ou melhor, deixem a Música tocar seus corações, pois eles é que são instrumentos dela.

Site oficial do luthier Roberto Gomes: <http://www.gomes.guitars.nom.br>

O Violão Popular Brasileiro no Exterior

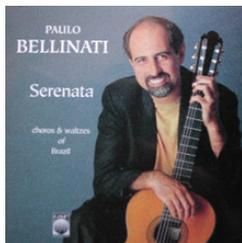
Artigo

Matéria escrita por Eugênio Reis* e originalmente publicada no *Café Music*: <http://www.cafemusic.com.br>

É irônico – para não dizer triste – que o brasileiro amante da boa música muitas vezes tenha que ir buscar o melhor do nosso violão nas prateleiras de lojas no exterior. Seria maravilhoso se o único motivo para esses violonistas estarem atuando no exterior fosse a qualidade da sua música, mas, com honrosas exceções, acaba sendo muitas vezes também por questões de sobrevivência. Muitos dos nossos mais brilhantes instrumentistas simplesmente não dispõem do incentivo e apoio necessários para lançar suas obras no próprio país e, como diria **Tom Jobim**, acabam usando o aeroporto como a melhor saída para esse tipo de situação e recebem no exterior a aclamação e o reconhecimento que merecem.

Como resultado, os discos terminam custando muito caro para os padrões brasileiros, pelo simples fato de terem que ser importados. Outro efeito negativo é que os shows desses artistas dentro do país acabam sendo escassos, freqüentemente sendo bancados pelas poucas verbas públicas destinadas à cultura ou pelo raro patrocínio de empresas privadas. Isso sem falar que as apresentações costumam abranger uma parte pequena do país, limitando-se, na maioria dos casos, a São Paulo e Rio de Janeiro.

Foi pensando nesses sucessos lançados apenas no exterior que esse artigo começou a se esboçar. A idéia é expor e tentar resumir o que acredito ser o melhor da safra de violão solo lançada no exterior nos últimos tempos. Não se trata de listar apenas os lançamentos mais recentes, já que muitos dos títulos aqui têm mais de 10 anos de lançados, mas sim de desenhar um panorama da presença do violão brasileiro no exterior. Como todo trabalho deste tipo, a lista estará sempre incompleta e injustiças serão feitas, alguns nomes serão deixados de fora pela simples falta de espaço. Seguem abaixo os artistas e títulos que penso serem os mais significativos e, é claro, no final do artigo, estarão as referências de onde encontrar cada um dos títulos.



Paulo Bellinati é, provavelmente, depois de **Carlos Barbosa-Lima**, o solista brasileiro de violão em atividade com o maior leque de títulos no exterior (duos e quartetos não entrariam na comparação), já tendo lançado partituras, CDs, vídeos em formato VHS e, mais recentemente, um DVD. E, apesar de oficialmente viver no Brasil, há muitos anos tem lançado seus trabalhos apenas no exterior, mais freqüentemente nos EUA. Por questões de espaço, vou citar apenas um DVD e quatro dos seus CDs. São eles:

- *Paulo Bellinati plays Antonio Carlos Jobim* – Foi lançado pela *Melbay*, nos EUA. É um DVD excepcional, onde Paulo mostra sua extraordinária capacidade como arranjador. Ao todo são 12 canções arranjadas com extremo bom gosto e requinte para violão solo (exceto um duo com **Cristina Azuma**) e todos os arranjos contribuem para realçar a genialidade de **Tom Jobim** como compositor. Especial destaque para *Surfboard*, *Felicidade*, *Luíza* e *Gabriela*, é impressionante como ele consegue manter a parte rítmica, melódica e harmônica funcionando de maneira tão leve, fluente e ao mesmo tempo virtuosa. Pena que não haja um caderno de partituras dos arranjos tocados no DVD. O único contra do DVD é que ele poderia ter uma qualidade de som e

imagem melhores, de alta definição, mas isso não chega a comprometer o aproveitamento da obra.

- *Guitar Works of Garoto* – Este CD faz parte de um projeto desenvolvido com o intuito de resgatar o trabalho para violão solo de **Aníbal Augusto Sardinha**, mais conhecido como **Garoto**. Foram escolhidas 24 obras, todas elas revisadas com extremo critério e gravadas impecavelmente. Além do CD, foram lançados dois livros com as partituras, cada um com 12 músicas, reproduzindo fielmente a forma como foram tocadas no disco. Todo o projeto foi editado e lançado pela *GSP (Guitar Solo Publications)*, em São Francisco, EUA. É um trabalho de importância histórica para o violão brasileiro.
- *Serenata* – Também editado pela *GSP*, este álbum contém um misto de músicas tradicionais do repertório violonístico brasileiro, como *Se Ela Perguntar (Dilermando Reis)*, bem como obras de autores como **Baden Powell** e **Radamés Gnattali**. Também há peças do próprio Paulo Bellinati, que também é um excepcional compositor (basta ouvir a belíssima *Valsa Brilhante* e o virtuoso *Choro Sapeca*). É um daqueles discos que a gente ouve do início ao fim, sem pular nenhuma faixa.
- *Les Guitares du Brésil* – Este é um título que foi lançado na Europa pela gravadora belga *GHA*, especializada em violão. Como o próprio título sugere, são mostradas as diversas variedades de violão do Brasil. O resultado é excepcional, foram utilizados todos os principais instrumentos de cordas tradicionalmente brasileiros, como o cavaquinho, o violão tenor, a viola caipira, o violão de seresta com cordas de aço, o violão de 7 cordas e, é claro, o violão de 6 com cordas de nylon. Paulo faz cabelo, barba e bigode, ele toca todos os instrumentos e a única participação especial é de **Cristina Azuma** em uma das faixas.
- *New Choros of Brazil* – Este disco foi gravado em parceria com o clarinetista de Jazz **Harvey Wainapel**. Como o próprio título sugere, todo o repertório tem o Choro como base e é um projeto que focaliza mais especificamente o Choro contemporâneo, de forma que a maioria das peças é recente e veio de compositores como **Guinga**, **Sérgio Santos**, os próprios Bellinati e Harvey, bem como **Sérgio Assad**, que também participa no encarte do disco com um excelente texto sobre o desenvolvimento do Choro no Brasil. Curiosamente, toda a gravação foi feita no Brasil, mas o disco foi lançado na Alemanha pelo selo *Acoustic Music Records*. Aliás, vale a pena dar uma paginada geral no site da gravadora, existe muita música brasileira por lá.



Marco Pereira é um nome consolidado no universo do violão brasileiro e mundial há muitos anos. Dono de um estilo vigoroso mas ao mesmo tempo preciso, límpido e fluente, tem muitos de seus títulos disponíveis no exterior, mesmo quando lançados originalmente no Brasil. Gostaria de destacar que Marco Pereira hoje em dia grava de forma independente, em grande parte devido aos problemas ocorridos com a extinta gravadora *Som da Gente* que, mesmo tendo falido, nunca liberou os fonogramas de dois de seus antigos LPs para reedição em CD. Essa é uma situação que pode ser chamada de altamente perversa, pois a gravadora não perde nem ganha, mas tanto o artista quanto o seu público saem lesados.

Em linhas gerais, gravar de forma independente significa produzir por conta própria e usar uma gravadora apenas como meio de distribuição e divulgação. O artista, neste caso, tem a liberdade de eventualmente mudar de gravadora e levar o fonograma consigo, o disco não fica retido com a gravadora.

A lista a seguir enumera os três CDs que foram lançados originalmente no exterior e que dificilmente serão encontrados em lojas de discos no Brasil.

- *Elegia* – título lançado pelo selo holandês *Channel Classics* em 1995, mostra um repertório centrado em ritmos tradicionais do Brasil como o Choro, o Samba e o Baião. As faixas se alternam entre composições consagradas como *Carinhoso* e *Mulher Rendeira* e algumas mais contemporâneas, como *Samba Urbano*, do próprio Marco. O disco é inteiramente de violão solo. Minha única crítica diz respeito à sonoridade camerística escolhida para o disco, com bastante eco, eu creio que aquele repertório pedia um trabalho de estúdio diferenciado.
- *Dança dos Quatro Ventos* – Trata-se de um disco dentro dos moldes de outros títulos do próprio Marco, onde o violão solo cede lugar à noção de conjunto, com participação de músicos como **Marco Suzano** na percussão e **Leandro Braga** no piano. O repertório consiste de composições do próprio Marco mescladas com arranjos para músicas de autores como **Baden Powell** e **Egberto Gismonti**. Foi lançado pela *GHA* na Bélgica.
- *Original* – lançado pela *GSP* de São Francisco, EUA, em 2003, é o primeiro disco inteiramente autoral de Marco Pereira. O disco é inteiramente de violão solo, sem nenhum tipo de acompanhamento. Ele escolheu as suas melhores composições (14 faixas no total) e o resultado é brilhante. A variedade de ritmos e coloridos do disco é muito grande. Começa com um samba vigoroso e arrojado (*Tio Boros*), passa por uma valsa brilhante (*Flor das Águas*), passeia pelo frevo (*Seu Tônico na Ladeira*), contempla um clima mais tranqüilo e interiorano (*Estrela da Manhã*) e fecha com um “*Baião Cansado*”.



Paulinho Nogueira, um dos nossos mais inspirados violonistas, tem apenas um título originalmente editado no exterior, mas trata-se de um disco extraordinário. O nome do disco é *Reflections* e foi editado pela *Malandro Records*, uma gravadora americana especializada em música brasileira, que no exterior recebe a epígrafe comercial de “*Brazilian Jazz*”, talvez para facilitar a compreensão e/ou aceitação por parte dos gringos. É um disco inteiramente de violão solo onde Paulinho, com seu estilo suave e delicado do toque sem unhas, desfila algumas

das suas melhores composições e arranjos. Dentre os arranjos, destaque especial para *Samba em Prelúdio* (**Baden Powell / Vinícius de Moraes**), com as duas melodias tocadas ao mesmo tempo, sem truques de estúdio, *Desafinado* (**Tom Jobim**) com sua rítmica impecável e seus esplêndidos contrapontos, e também para a *Ária na 4a Corda* (**J. S. Bach**), tocada como se fosse um Choro, mas preservando toda a harmonia e contrapontos da obra original. Nas composições, é inevitável falar da *Bachianinha No 1*, mas também vale destacar *Frevinho Doce* pelo ritmo e virtuosismo e *Tons e Semitons* pelo arrojo da concepção violonística da obra. É um disco para se ouvir do início ao fim, várias vezes seguidas.



Egberto Gismonti dispensa maiores apresentações. É um daqueles músicos que parecem virtualmente ilimitados, tamanha é sua capacidade de criação em gêneros musicais dos mais variados e seu virtuosismo em diversos instrumentos. É um raro exemplo de artista dono da própria obra e hoje possui sua própria gravadora, a *Carmo Produções Artísticas*. Nas últimas duas décadas, seus discos têm sido

lançados e distribuídos pela *ECM Records*, com sede na Alemanha. No site da gravadora podem ser encontrados todos os seus títulos mais recentes e também algumas relíquias. São cerca de 20 no total, sendo que um deles é integralmente dedicado ao violão e o nome é *Dança dos Escravos*. Nele, Gismonti explora diversas configurações do instrumento, com 6, 10, 12 ou 14 cordas (de aço e de nylon), violão requinto, busca sonoridades e possibilidades diferentes, onde cada faixa tem um subtítulo que propõe

uma cor diferente. O resultado é um disco que para muitos pode ser difícil de digerir na primeira audição, mas que eu particularmente penso tratar-se de uma obra-prima.

O catálogo da ECM também conta com o disco *Violão*, de **Nando Carneiro**, uma interessante viagem sonora onde o violão é eventualmente acompanhado da voz de **Beth Goulart** e dos sintetizadores de **Egberto Gismonti** (o próprio Nando também é pianista e tecladista e faz uso desses instrumentos no disco). Fazendo duo com Nando Carneiro ao violão está ninguém menos que **André Geraissati**, um dos mais inquietos violonistas brasileiros, que está sempre buscando possibilidades diferentes de afinação e técnicas inovadoras para o violão.

Por último, a ECM também distribui o único lançamento internacional do brilhante quarteto de violões **Quaternaglia**, chamado *Forrobodó*. O quarteto é formado por **Breno Chaves** (eventualmente substituído por **Paulo Porto Alegre** em algumas faixas), **Sidney Molina**, **Eduardo Fleury** e **Fábio Ramazzina** e o grupo também gravou pela *Carmo*, a convite de Egberto, que esteve envolvido no projeto o tempo todo, escreveu composições e arranjos inéditos para quatro violões, participou tocando sintetizador em uma das faixas e ainda escreveu o texto de apresentação do CD. O disco também conta com composições de **Sérgio Assad** e **Paulo Bellinati**, tendo este último escrito duas peças (*A Furiosa* e *Lun-Duos*) especialmente para o quarteto.



Bach in Brazil é o nome do CD lançado pela **Camerata Brasil** na Inglaterra pela gravadora *EMI Classics* em 2000. A Camerata Brasil é formada por alguns dos músicos que hoje estão entre os principais mentores do Choro no Brasil, responsáveis tanto pela manutenção da sua forma tradicional quanto pela sua renovação e busca de novos caminhos. Encabeçando o projeto e o grupo está **Henrique Cazes**, cavaquinho e arranjador excepcional, acompanhado de **Marcílio Lopes** e **Paulo Sá** nos bandolins, **Marcus Ferrer** na viola caipira, **José**

Paulo Becker no violão de 6, **Marcello Gonçalves** no violão de 7, **Omar Cavalheiro** no contrabaixo e **Beto Cazes** na percussão e pandeiro. O disco também conta com as participações especiais de **Leandro Braga** no piano (e que também assinou alguns dos arranjos), **Paulo Sérgio Santos** no sax soprano e clarinete e **Ricardo Amado** no violino.

Como era de se esperar, o disco parte da idéia de tocar a música de Bach com o tempero da música brasileira, em especial o Choro, enfatizando pontos em comum entre o compositor alemão e esse nobre estilo brasileiro, como a intensa exploração dos contrapontos. Mas, diferentemente do que se possa pensar, o disco não tem apenas músicas de Bach. Lá também estão compositores “bachianos” como **Villa-Lobos**, **Radamés Gnattali** e **Pixinguinha**. O resultado é muito interessante, é um disco belíssimo, cuja única ressalva eu faria para um certo temor de macular a obra do grande mestre, o que faz com o Choro acabe sendo tocado de forma um pouco “quadrada” em alguns momentos, mas de forma alguma isso tira o brilho da obra.

Os títulos citados (e vários outros de música brasileira) podem ser encontrados em diversos websites (veja os idiomas ao lado dos endereços) que despacham os produtos para o Brasil (certifique-se antes, especialmente nos sites que também vendem CDs usados, como *eBay* e *Amazon*, pois a venda é, na verdade, feita por uma terceira parte que não necessariamente envia para o Brasil):

<http://half.ebay.com> (inglês)

<http://www.amazon.com> (inglês)

<http://www.amazon.co.uk> (inglês)

<http://www.amazon.fr> (francês)
<http://www.amazon.de> (alemão)
<http://www.towerrecords.com> (inglês)
<http://www.gspguitar.com> (inglês)
<http://www.gha.be> (francês e inglês)
<http://www.acoustic-music.de> (alemão e inglês)
<http://www.melbay.com> (inglês)
<http://www.ecmrecords.com> (inglês e alemão)
<http://www.channelclassics.com> (inglês)
<http://www.brazilianjazz.com> (inglês)
<http://www.cdbaby.com> (inglês)

Sites oficiais de alguns dos artistas aqui mencionados:

<http://www.marcopereira.com.br> (português e inglês)
<http://www.bellinati.com> (português e inglês)
http://www.multconnect.com.br/Paulinho_Nogueira/pag2.htm (português)
<http://www.ines.org/limbo/fanzine/gismonti/> (inglês)
<http://www.quaternaglia.com.br> (português e inglês)

Este artigo se encerra por aqui. Gostaria também de poder listar os trabalhos de **Badi Assad**, **Ulisses Rocha**, **Romero Lubambo** e **Hélio Delmiro**, apenas para dar exemplo de algumas omissões, mas isso deverá ficar para uma outra oportunidade, provavelmente num artigo dedicado a violonistas brasileiros que têm um trabalho mais orientado ao Jazz.



** Eugênio Reis é brasileiro radicado nos EUA, onde é um dos diretores de uma sociedade de violão em NY, e vem se dedicado a divulgar o violão brasileiro de 6 e 7 cordas em várias frentes, escrevendo artigos em inglês e português, participando de convenções e festivais, dando recitais, transcrevendo música, produzindo concertos de violonistas, organizando fóruns de debates e também representando dois dos mais importantes luthiers brasileiros.*

O Violão Erudito Brasileiro no Exterior

Artigo

Matéria escrita por Eugênio Reis* e originalmente publicada no *Café Music*: <http://www.cafemusic.com.br>

O artigo que escrevi sobre violão popular brasileiro no exterior terminou com uma referência a *Bach in Brazil*, um disco que mescla música popular com a clássica. Agora, neste segundo artigo, cujo foco principal se mantém no violão, mas com ênfase no repertório erudito, pego carona na idéia da fronteira entre os dois gêneros e começo falando do **Duo Assad**, cuja musicalidade trafega com uma impressionante desenvoltura pelas mais diversas searas.



O sobrenome **Assad**, no universo musical mundo afora, é indissociável de violão e música do mais alto nível. Os irmãos **Sérgio** e **Odair** são hoje aclamados como o mais destacado duo de violões em atividade. A discografia do **Duo Assad** no exterior é bastante extensa, rica e variada. Seus discos são editados por basicamente duas gravadoras: a *Nonesuch*, nos EUA e a *GHA* na Bélgica. Por motivos de espaço, apenas três dos seus títulos serão listados, mas a partir das referências dadas de como encontrá-los, será fácil chegar a todos os outros (ver no final do artigo).

- *Sérgio and Odair Assad Play Piazzolla* – Lançado nos EUA em 2001, é a realização de um projeto de longas datas. O duo sempre gravou obras de **Astor Piazzolla**, mas ainda não havia dedicado um projeto inteiramente a ele. A amizade do duo com o compositor argentino sempre foi muito grande, a ponto de Piazzolla dedicar-lhes a esplêndida *Suíte Tango*, aqui registrada de maneira soberba. O disco conta também com a participação ocasional dos violinos de **Nadja Salerno-Sonnenberg** e **Fernando Suarez Paz**, bem como **Marcelo Nisinman** no bandoneón. Há também a *Suíte Troileana*, que o duo costuma tocar em suas apresentações há muito tempo. O estilo vigoroso, certo e veloz dos dois violões não deixa espaço para dúvidas, a dramaticidade da música de Piazzolla é capturada em todas as suas nuances. Este é um disco que pode ser chamado de indispensável.
- *Live in Brussels* – Este é o lançamento mais recente, do ano de 2004, editado pela *GHA* na Bélgica. Como se pode deduzir do título, é um disco gravado ao vivo em Bruxelas, que abre com um arranjo de **Sérgio Assad** para o clássico *Noites Cariocas* de **Jacob do Bandolim**. É preciso destacar que **Sérgio Assad** é conhecido como um dos mais notáveis arranjadores para violão da atualidade (tanto para música popular quanto para erudita) e o que vemos nesta faixa é apenas uma pequena amostra que confirma o fato. A melodia é explorada nas regiões mais agudas, de maneira a emular um bandolim, enquanto que o contraponto nos baixos do violão é tão certo que, mesmo sem uma corda extra, não deixa nada a dever a nenhum 7 cordas; não se deve pensar, entretanto, que temos aqui um típico duo de solista e acompanhante, os violões se cruzam, se mesclam e alternam papéis com uma frequência quase frenética. O disco contém também adaptações de músicas de **Egberto Gismonti**, **Chaplin**, **Piazzolla** e **Pixinguinha**, além de contar com a participação do violino de **Fernando Suarez Paz** em algumas faixas.
- *Sérgio & Odair Assad Play Rameau, Scarlatti, Couperin, Bach* – O próprio título já enumera os compositores escolhidos para o repertório do disco, dispensando maiores comentários. Diferentemente dos dois títulos anteriores, trata-se de um disco exclusivamente dedicado à música erudita, mais especificamente do período Barroco, onde o Maestro Sérgio Assad

novamente nos presenteia com suas impressionantes adaptações para o violão de obras escritas originalmente para outros instrumentos. A transcrição do *Prelúdio e Fuga No 3, em Dó Sustenido Maior*, do *Livro No 1 do Cravo Bem Temperado*, de **J. S. Bach**, por exemplo, por si só já valeria a aquisição.



Carlos Barbosa-Lima é um nome que muitas pessoas sequer conhecem no Brasil, talvez pelo fato de estar radicado nos EUA há cerca de 3 décadas, mas é certamente o solista brasileiro de violão em atividade com o maior número de títulos lançados, com dezenas de CDs, partituras e vídeos e é um nome respeitadíssimo no cenário musical internacional. Ele foi, por exemplo, um dos grandes pioneiros no que hoje é rotulado de *crossover*, nome dado aos músicos que facilmente cruzam as fronteiras entre o erudito e popular. Seus arranjos de música popular têm o refinamento da música erudita, ele dedica uma especial

atenção em criar linhas de baixo, harmônicas e melódicas muito claras e distintas entre si, com um pulso rítmico muito bem marcado. Seus críticos dizem que eventualmente ele soa um pouco “duro” em alguns de seus arranjos para música popular, mas seu toque é sempre caloroso e cheio de charme. Foi pela *Melbay* que ele editou uma grande parte de sua produção, especialmente a de caráter didático, com livros e CDs explorando técnicas de harpejos, escalas, estudos de harmonia e assuntos correlatos. Neste artigo, entretanto, não vamos nos deter no seu trabalho como didata, mas sim como músico solista, de câmara e arranjador:

- *Favorite Solos* – Este é um DVD lançado pela *Melbay*, onde ele mescla diversos estilos de música, desde solos de música de autores estritamente eruditos, como **Francisco Tárrega** e **Agustín Barrios**, passando por jazzistas como **George Gershwin**, pela *Aquarela do Brasil* de **Ary Barroso**, o Choro de **Pixinguinha** e **Ernesto Nazareth** e o cubano **Ernesto Lecuona**. A salada pode parecer indigesta para muitas pessoas e correria o sério risco de resultar em desastre, mas Barbosa-Lima passeia por todos os diferentes estilos com igual facilidade e o resultado é inebriante.
- *O Boto* é um CD lançado em 1998 pela *Concord Records*, onde Barbosa-Lima explora um repertório eclético com uma concepção diferente do disco tradicional de solista de violão. É comum que o solista de violão grave o disco inteiro sozinho ou então acompanhado de uma orquestra ou convidados especiais. Barbosa-Lima faz ambos, toca sozinho e acompanhado da Orquestra Solistas de Sofia, da Bulgária (onde o disco foi gravado), regida pelo maestro **Plamen Djurov**. O repertório é bastante eclético, indo dos eruditos **Haendel** e **Mario Castelnuovo-Tedesco** (um dos grandes colaboradores do lendário violonista espanhol **Andrés Segovia**) a **Antônio Carlos Jobim** (com a peça que dá título ao disco). Barbosa-Lima e a orquestra estão muito bem integrados e o resultado é uma sonoridade viva, brilhante e cheia de colorido.



Heitor Villa-Lobos é o mais universalmente conhecido dentre todos os compositores brasileiros em todos os tempos. Suas obras são tocadas e reverenciadas nos quatro cantos do mundo. Seus 12 Estudos para violão, por exemplo, são um marco na história do instrumento, uma obra que projetou o Brasil de maneira indelével no fechado círculo da música erudita para violão. Há, porém, poucos registros disponíveis do compositor tocando ou regendo sua própria obra, o que torna o comentário sobre um título em particular bastante importante, motivo pelo qual abro aqui uma exceção para mencionar um

lançamento onde o violão nem sequer aparece. Trata-se do disco *Villa-Lobos Bachianas Brasileiras Nos 1, 2, 5 & 9*, lançado pela *EMI Classics* nos EUA e Europa, no qual o próprio maestro rege a Orquestra

Nacional de Radiodifusão da França (ou *L'Orchestre National de la Radiodiffusion Française*). Trata-se de uma compilação de gravações realizadas nos anos de 1956 e 1958. Os fonogramas originais foram remasterizados nos estúdios *Abbey Road*, na Inglaterra, e o resultado se traduz numa qualidade de som excelente, não há do que reclamar. O disco traz as Bachianas mais conhecidas e abre com aquela que talvez seja a sua mais famosa obra, a *Ária (Cantilena) da Bachiana Brasileira No 5*, cantada pela soprano **Victoria de los Angeles**. É muito difícil não se emocionar com essa música, é uma obra divina. O disco também traz *O Trenzinho do Caipira*, com sua irresistível e instigante onomatopéia dos barulhos de um trem, aqui convertidos em música da mais alta qualidade. As Bachianas são as mais celebradas composições sinfônicas de Villa-Lobos e o disco não tem apenas um valor histórico gigantesco, mas é daqueles em que é difícil ouvir e segurar as lágrimas, tamanha a emoção diante de tanta beleza.



O **Quarteto Brasileiro de Violões** ou **Brazilian Guitar Quartet** (no exterior) é o nome do grupo formado pelos violonistas **Paul Galbraith**, **Edelton Gloeden**, **Everton Gloeden** e **Tadeu do Amarau**. Eles desenvolvem um trabalho excepcional, que consiste não apenas em gravar o repertório camerístico mais tradicional, como o de **Bach**, por exemplo, mas também de apresentar obras muitas vezes inéditas ou pouco conhecidas de compositores eruditos brasileiros mais contemporâneos e arrojados como **Camargo Guarnieri**, **Claudio Santoro** e **Francisco Mignone**. Para atingir esse resultado, eles não apenas trabalham

incansavelmente no acabamento das transcrições, mas também contam com a eventual contribuição entusiasmada de músicos ilustres como **Sérgio Abreu**, por exemplo. A sonoridade do grupo é muito redonda e o uso do violão de 8 cordas amplia o espectro sonoro de maneira significativa. Aliás, cabe aqui fazer um comentário mais detalhado, já que o quarteto conta, na verdade, com dois violões de 8 cordas, mas um deles (o de **Paul Galbraith**, escocês radicado no Brasil) parte de uma concepção diferente: em vez de adicionar duas cordas mais graves, ele adiciona uma mais grave e uma mais aguda. Esse novo modelo recebeu o nome de **Brahms**, por inspiração do compositor que levou Galbraith a pensar no novo instrumento, impecavelmente construído pelo renomado luthier inglês **David Rubio**. O quarteto tem três CDs lançados nos EUA pela gravadora *Delos*, que são: *Essência do Brasil* (1998), *Four Suites for Orchestra* (2000) e *Encantamento* (2001). Como se pode ver pelos anos de lançamento, todos os títulos estão em catálogo há bastante tempo no exterior, mas será quase um milagre encontrá-los nas prateleiras das lojas de discos no Brasil.



O número de mulheres no mundo do violão, seja ele popular ou erudito, sempre foi muito reduzido. Isso é uma pena, porque a interpretação e a composição femininas, sem dúvida alguma, têm um colorido peculiar e isso, por si só, já acrescentaria muito ao universo do instrumento. **Cristina Azuma**, logo de saída, seria exceção à regra no meio violonístico apenas por ser mulher, mas o seu mérito sem dúvida alguma reside na sua habilidade com o instrumento, no seu profundo conhecimento musical e na sua imensa sensibilidade artística. Ela foi a primeira mulher a integrar o elenco da *GSP (Guitar Solo Publications*, um

empreendimento que hoje envolve gravadora, editora e distribuidora e que se tornou uma espécie de *Meca* para os adoradores do violão solo), sediada em São Francisco, nos EUA e seu disco de estréia nessa gravadora, *Contatos*, faz jus ao seu talento. O título do CD vem a reboque do nome da obra com que Cristina abre o disco, que é a *Suíte Contatos*, escrita por **Paulo Bellinati**, com quem ela já vem trabalhando há muitos anos – é muito comum ouvi-los em duo nos discos de Bellinati. O repertório é extremamente eclético e desfila composições de músicos variados como **Antonio Madureira**, **Leo**

Brouwer, Béla Bartók e também da própria Cristina, numa inesperada peça onde ela toca alaúde. Cristina passeia por toda essa diversidade sem titubear, esbanjando sensibilidade e beleza, valorizando cada passagem com seu toque firme e ao mesmo tempo delicado.

Os títulos citados (e vários outros de música brasileira) podem ser encontrados em diversos websites (veja os idiomas ao lado dos endereços) que despacham os produtos para o Brasil (certifique-se antes, especialmente nos sites que também vendem CDs usados, como *eBay* e *Amazon*, pois a venda é, na verdade, feita por uma terceira parte que não necessariamente envia para o Brasil):

<http://half.ebay.com> (inglês)

<http://www.amazon.com> (inglês)

<http://www.amazon.co.uk> (inglês)

<http://www.amazon.fr> (francês)

<http://www.amazon.de> (alemão)

<http://www.towerrecords.com> (inglês)

<http://www.gspguitar.com> (inglês)

<http://www.gha.be> (francês e inglês)

Sites oficiais de alguns dos artistas aqui mencionados:

<http://www.bellinati.com> (português e inglês)

<http://www.brazilianguitarquartet.com> (português e inglês)

<http://www.paul-galbraith.com> (português e inglês)

<http://net.indra.com/~jkenyon/assad.html> (inglês, site não oficial)

A lista não acaba por aqui. Fica a promessa de um novo artigo comentando os trabalhos publicados no exterior de outros importantes violonistas eruditos brasileiros como **Fábio Zanon**, **Marcelo Kayath** e **Aliéksey Vianna**, só para dar alguns exemplos. Mais ainda, outros artigos também deverão comentar a obra dos violonistas que lançam apenas no Brasil.



** Eugênio Reis é brasileiro radicado nos EUA, onde é um dos diretores de uma sociedade de violão em NY, e vem se dedicado a divulgar o violão brasileiro de 6 e 7 cordas em várias frentes, escrevendo artigos em inglês e português, participando de convenções e festivais, dando recitais, transcrevendo música, produzindo concertos de violonistas, organizando fóruns de debates e também representando dois dos mais importantes luthiers brasileiros.*



Entrevista

Entrevista concedida a Eugênio Reis*

BRASIL GUITAR DUO

O Brasil Guitar Duo vem construindo uma trajetória impecável e sólida ao redor do mundo. Com um repertório diversificado e desafiador, João Luiz e Douglas Lora vêm conquistando o aplauso entusiasmado de platéias muito distintas e de críticos exigentes.

Tive a grande honra e prazer de desfrutar da companhia do Brasil Guitar Duo em março de 2008. E posso dizer que o que vi não foram duas pessoas fazendo música, mas sim dois jovens músicos escrevendo história. Digo jovens, mas de maneira nenhuma se deve associar a sua juventude a qualquer tipo de imaturidade. Muito pelo contrário, ambos demonstram uma maturidade musical e profissional impressionantes.

João Luiz e Douglas Lora são pessoas muito brincalhonas e agradabilíssimas, mas de uma seriedade à toda prova quando se trata de estudar música. Estão constantemente preocupados em melhorar e têm um compromisso total com a música, seja no aspecto técnico ou seja na expressão artística. Durante o tempo que gastamos na estrada até chegar ao local de concerto, eles me concederam esta entrevista bastante descontraída.

João e Douglas, por favor nos contem como surgiu o Duo.

João Luiz - O Duo surgiu na faculdade de música em SP, onde a gente estudava com o Henrique Pinto, no curso de Bacharelado de violão. O Douglas já estava um ano na minha frente e a gente tinha uma matéria na faculdade que era música de câmara. O Douglas já tinha tido experiência com música de câmara e que ele não achou muito boa. A minha experiência, logo no ano que eu entrei, foi péssima, mas isso serviu logo como uma grande lição e até acabou sendo o porquê a gente acabou se encontrando. Eu pensei em procurar alguém pra tocar, eu comecei tocando com alguém que não era de violão, a gente tinha a possibilidade de tocar com várias formações.

Douglas Lora – Eu mesmo fiz com violão, canto, flauta...

João Luiz – Eu estava chegando de pára-quebras na faculdade e comecei com um violonista, na verdade era um amigo guitarrista que conhecia um pouco de violão, a gente tentou ler uma peça e fomos apresentar na aula de música de câmara e foi péssimo! A professora deu uma bronca na prova pública – ou seja, um esculacho mesmo! – aí eu fiquei pensando que precisava procurar fazer uma coisa mais séria. A gente tinha aula na casa do Henrique Pinto, nosso professor. Eu chegava pra ter aula e era sempre o Douglas quem estava tocando, ele já tocava muito bem e era um dos únicos de destaque na escola. Então eu ficava ouvindo, chegava antes, ele já estava um ano adiantado, eu achava legal e pensei, poxa, vou chamar o Douglas pra fazer alguma coisa de música de câmara comigo. Foi assim que começou, eu falei com ele na escola e ele topou.

Douglas Lora – Depois disso foi muito natural, a gente começou a tocar em todas as provas de música de câmara até o fim da faculdade e logo em seguida o Henrique começou a colocar a gente no circuito de violão, primeiramente os pequenos, depois os maiores, daí a gente começou a ganhar concurso, a gente ganhou o Souza Lima, o de Campos do Jordão, gravamos um CD, ganhamos um concurso na

Alemanha. Quer dizer, a coisa foi indo desse jeito natural e quando a gente se deu conta já tinha uma carreira iniciando. Hoje já faz 12 anos que a gente toca junto, já viajamos bastante, mas fui tudo assim, a gente começou na faculdade em 1997, sem pretensão nenhuma, era só pra fazer uma matéria e a coisa acabou tomando proporções muito maiores do que a gente esperava.

João Luiz – Interessante complementar que mesmo sem pretensão nenhuma, trabalhando pra fazer uma matéria de música de câmara, nós dois já encarávamos a coisa diferentemente do que as outras pessoas faziam. A gente fazia ensaios bem regulares e a partir do momento em que o Henrique viu a gente ele falou “*vocês têm química, vocês podem funcionar como duo, vocês têm que investir*”. Automaticamente a gente teve uma atitude muito séria, mas sem pensar em ganhar concurso, a gente não tinha essa pretensão, a gente estava aprendendo. Mas a seriedade sempre foi muito grande, a gente ensaiava e estudava muito. Aliás, uma coisa positiva que a gente pode dizer é que nós somos um duo que estuda muito desde o início.

Douglas Lora – Justamente, a gente não só tocava muito junto, a gente estudava muito junto, a gente começou estudando violão clássico juntos. Isso despertou a atenção de praticamente todos os professores na faculdade e eles começaram a dizer que ali tinha alguma coisa de especial.

João Luiz – A gente também começou a ser chamado pra outros eventos dentro da faculdade, inclusive de outras áreas, a gente tocava em formatura de direito, congresso de moda, coisas desse tipo

Como é a rotina de ensaios e preparação de repertório?

Douglas Lora – Começou com essa coisa de ensaiar com seriedade e hoje em dia a gente já tem algo bem solidificado, a gente gasta horas todo dia preparando o repertório. A gente usa o metrônomo sempre, mesmo nas peças que a gente toca há mais de 10 anos a gente estuda devagar com o metrônomo. Para preparar um repertório novo é a mesma coisa, a gente começa do zero e vai subindo devagarinho. Claro que tem uma hora em que cada um tem que limpar a sua parte em casa pra pelo menos a música funcionar com um mínimo de qualidade. Depois a gente decide tudo junto, articulação, digitação a gente pensa em conjunto pra obter um som mais homogêneo. Essa rotina de preparação de repertório é algo que a gente já vem desenvolvendo desde que a gente começou. Claro que hoje em dia a gente já pega algumas coisas mais rapidamente, mas sempre com muita disciplina, muito metrônomo e paciência.

João Luiz – A gente tem muito rigor sobre como tratar a música, porque o fato do Douglas ser compositor e de eu escrever alguns arranjos nos dá, modestamente, um certo domínio da linguagem musical que faz com que a gente possa entender bem a partitura. Então a gente não é só de pegar a partitura e decorar, a gente faz um trabalho muito intenso de leitura, a gente tira o máximo do estudo nessa parte, prestando atenção na digitação, cada um conhece a parte do outro, acho que isso é importante, o Douglas sabe tocar as minhas partes de todas as músicas e vice-versa. Então a gente está sempre trabalhando com esse ouvido.

Douglas Lora – É que nem uma conversa, é um diálogo mesmo, os dois têm que escutar um ao outro.

Vocês tocam o repertório clássico tradicional e também inserem bastante música brasileira nos programas. Como tem sido a receptividade do público em relação a essa mescla de influências? Como vocês escolhem o repertório?

Douglas Lora – As peças brasileiras entraram no nosso programa a partir de 2004 com os arranjos do João que a gente queria usar pra tocar no Prêmio Visa. Aliás, o grande prêmio que a gente tirou foi a

aquisição desse repertório novo e o tanto de horas que a gente tocou pra preparar. Isso acabou virando nossa marca. No Brasil a gente nem precisa falar que o pessoal adora, mas aqui nos EUA as pessoas ficam realmente boquiabertas com as obras brasileiras que a gente faz, porque eles não estão muito acostumados, não conhecem muito, e a riqueza dos arranjos...

João Luiz – E das suas composições também...

Douglas Lora – É que as minhas composições não são tão brasileiras assim...

João Luiz – Uma coisa legal que eu acho que também faz com que seja uma marca do duo – não que a gente esteja inovando – é que não é aquele lado fácil da música brasileira, do songbook, a gente explora o lado que vem do contraponto, que tem sofisticação.

Douglas Lora – Mesmo no arranjo do Tico-Tico no Fubá, por exemplo, ali está tudo, as pérolas do choro, do samba, mesmo as adaptações de músicas bem populares como do Djavan, a gente encara de um jeito que dá pra tocar num clube de jazz ou numa sala de concerto e as pessoas sempre adoram, a aceitação é altíssima.

João Luiz – A gente já tem esse traço do Douglas compor e de eu fazer arranjos desde que a gente começou a tocar juntos. Quando a gente começou a trabalhar em duo e tentou chegar num repertório, o Douglas já apareceu com algumas composições, eu já tinha alguns arranjos e a gente já começou com algumas coisas brasileiras, mas de uma certa forma ainda tímida. A gente tinha consciência de que como a gente queria trabalhar pra ser um duo, a gente tinha que passar primeiro por todo um repertório tradicional, e não começar já tocando choro, samba. A gente passou pelo menos uns 10 anos tocando Sor, Scarlatti, Bach, Castelnuovo-Tedesco, o repertório tradicional.

Douglas Lora – Pra comer a sobremesa depois...

João Luiz – Exatamente.

Vocês acham que a tendência do duo é focar num trabalho mais autoral, centrados nos arranjos e composições que vocês escrevem?

Douglas Lora – Eu acho que a nossa tendência é sempre tocar uma parte clássica e uma parte brasileira. A fuga do lugar comum do violão é algo que a gente busca bastante. A gente busca um repertório original e é óbvio que a gente ainda tem muita coisa pra tocar, muitas peças escritas pra dois violões que a gente quer tocar.

João Luiz – Fazendo uma ponte com o que o Douglas falou, como a gente vem trazendo um repertório brasileiro até certo ponto diferenciado e que as pessoas têm gostado bastante, os grandes compositores, nossos ídolos, como o Paulo Bellinati, o Marco Pereira, o Egberto Gismonti, também escreveram peças para dois violões que a gente está esperando o momento de estrear. Então, o nosso repertório está sendo renovado com material original escrito para dois violões.

Douglas Lora – Justamente, uma coisa leva à outra e alguns deles começaram a escrever músicas pra gente tocar.

Vocês tocam repertório original para dois violões e também compõem e escrevem arranjos. Pretendem publicar as partituras?

Douglas Lora – Com certeza, aos pouquinhos a gente vai trabalhando isso. Por enquanto não fizemos nada relativo a publicação. Uma hora esse material vai ser publicado.

João Luiz – O material inédito como as composições do Douglas e os arranjos que eu escrevo não têm como ser encontrados, então a gente quer fazer uma edição pra disponibilizar porque as pessoas estão



ligando esse repertório a nós, então eu acho que vai ter uma hora em que a edição dessas partituras vai ser necessária.

Além do trabalho de câmara do duo, vocês também desenvolvem um trabalho de câmara com orquestra. Poderiam falar um pouco mais desse projeto?

João Luiz – A gente já fez algumas apresentações em SP com o repertório que a gente tinha na época, que eram o concerto de Haydn para duas líras e orquestras, numa versão para dois violões e o concerto de Vivaldi em Sol Maior. Depois do prêmio Visa, o maestro Roberto Sion, que também tem sido um grande parceiro e colaborador nosso, convidou a gente pra tocar com a Orquestra Jazz Sinfônica Jovem (Orquestra Tom Jobim) em SP e daí o repertório foi mudando porque o Douglas fez adaptações das próprias peças dele para dois violões com orquestra e o maestro Sion também colocou orquestra em cima de alguns dos meus arranjos. Então o nosso repertório brasileiro de concerto acabou ganhando versões com orquestra. Em março do ano passado [2007] a gente apresentou esse repertório em NY, na Columbia University e aconteceu uma coisa muito especial, o Egberto Gismonti cedeu pra gente uma versão de *Sete Anéis* [composição dele] com a parte de orquestra porque ele gostou muito do meu arranjo para dois violões. Foi uma estréia, foi a primeira audição.

Douglas Lora – A gente continua aumentando, a gente também tocou o concerto do Castenuovo-Tedesco com a sinfônica de Houston, em setembro do ano passado [2007] e vamos tocar agora este ano com mais umas 3 orquestras nos EUA, vamos tocar o Vivaldi de novo, e a gente está para estreiar uma versão de um concerto de Bach para dois violinos (BWV 1043), então a gente tem um repertório grande pra dois violões e orquestra, é algo que a gente adora fazer. Sempre tem alguma resistência dos maestros, porque o violão não tem muito volume e precisa amplificar, ou então pensam no Aranjuez, então a gente está batalhando e abrindo um campo novo de concertos com orquestra e essa empreitada tem sido muito bem sucedida.



Douglas, você dá aulas, é compositor e terminou um mestrado. João, você é membro do Quaternaglia e tem um trabalho impressionante como arranjador. Como vocês conseguem gerenciar tantas atividades sem jamais deixar o nível musical sofrer?

Douglas Lora – Como a gente tem viajado muito e feito turnês quase que mensais, eu não tenho tido muito tempo de dar aula. As composições e os arranjos a gente vai fazendo na estrada mesmo. Claro que quando a gente começa a tocar muito a gente tem que abrir mão de algumas coisas, não dá pra fazer tudo ao mesmo tempo, então hoje eu tenho dois alunos a quem eu continuo dando aula esporadicamente porque eu gosto muito deles e tenho um compromisso, mas aulas regulares não têm sido mais possíveis. A gente dá muita masterclass nas viagens e tanto eu quanto o João continuamos com aqueles alunos especiais em quem a gente acredita muito e pra quem a gente vai tentar passar tudo que recebeu do Henrique. Porque é assim que funciona, né? Alguém te dá e você tem que passar aquilo adiante. Durante o meu mestrado a gente não estava viajando tanto, então foi possível conciliar, mas eu me lembro que eu ia pro Brasil direto, tinha concerto, o Prêmio Visa, o João também vinha bastante pra cá, a gente tocou várias vezes, o Henrique também já veio e a gente já tocou em trio. Então me parece que está tudo acontecendo no tempo certo, hoje em dia não seria possível fazer o mestrado, então cada coisa vem no seu tempo.

João Luiz – Eu acho que os meus arranjos são bons, mas eu acho que posso cada vez mais ousar neles, eles podem se tornar melhores na medida em que eu posso contar com o Douglas. Se eu não pudesse confiar na capacidade dele de tocar o que eu escrevo, não sei se existiriam esses arranjos...

Douglas Lora – Que é isso, moleque!!! (risos)

João Luiz – É verdade, não sei se os arranjos são impressionantes, eu não acho tanto, mas eu sei que são muitos bons na medida em que eu sei que o Douglas vai ser capaz de tocar. Para outras formações em que eu participo, eu escrevo de outro jeito, tem que ser um pouco mais simples. Minha imaginação pode ir bastante além, às vezes o Douglas reclama um pouco, mas é só pelo costume de reclamar, porque ele pega, entende, toca, então eles são bons na medida em que podemos ser tocados por ele. Uma vez eu li numa revista o Sérgio Assad falando do Odair, ele disse que pode escrever o que quiser que o Odair toca tudo, então ele pode mandar ver nos arranjos. O que eu posso dar é a minha imaginação, o que tem na minha cabeça, mas na hora de executar, de fazer acontecer, você tem que saber pra quem você está escrevendo.

Quanto a muitas atividades, eu sempre gostei de fazer música de câmara e aprendi a tocar violão quase ao mesmo tempo em que formei o duo com o Douglas. A gente viaja direto há pelo menos 2 anos, então a gente está sempre com o violão na mão o dia inteiro. A leitura musical é algo que o Henrique sempre enfatizou muito a leitura, então a gente consegue preparar repertório rápido, então dá pra conciliar. O que está “pegando” no momento é que a gente tem muito programa diferente pra tocar, muito disco novo pra preparar, colaborações com várias pessoas, este ano a gente vai tocar com orquestra 4 concertos diferentes, tem o repertório do disco *Bom Partido* que a gente tem que divulgar.

Douglas Lora – Complementando que a gente acabou de sair da gravação da integral do Castelnuovo-Tedesco para dois violões, que são 53 peças e que a gente teve que aprender em três meses e gravamos tudo em 5 dias. Em duas semanas a gente teve que aprender o concerto do Tedesco.

João Luiz – Da minha parte, eu encaro a música de câmara com muita seriedade. Eu só tenho tempo para fazer isso e é só isso que eu faço. É muita coisa? Com certeza é, mas eu tenho que fazer isso da melhor forma.

Muitos violonistas reclamam da solidão e das viagens cansativas em suas turnês. Tocar em duo melhora a situação ou apenas duplica o sofrimento?

Douglas Lora – A vida na estrada é realmente muito menos romântica do que as pessoas pensam, a gente passa por muito stress, sempre tem um probleminha aqui e ali, mas graças a Deus tudo sempre dá certo no final. Realmente é difícil ficar longe da família, longe de casa durante muito tempo, mas eu acho que seria muito pior se a gente fosse solista, ainda bem que a gente tem um ao outro. A gente até às vezes cansa (risos) de tanto que a gente tem um ao outro.

João Luiz – Uma coisa que ajuda é que a gente é muito diferente um do outro. Às vezes a gente cansa porque é normal depois de muito tempo junto, mas se a gente fosse muito parecido e gostasse das mesmas coisas não ia dar certo.

Douglas Lora – É como irmão, né? As raras briguinhas que a gente tem são resolvidas rapidamente, a gente tem um grande tesouro junto.

João Luiz – O Duo é a coisa principal, então não tem nada acima disso. O resto a gente vai ajustando.



Douglas Lora – Mas realmente tem uma hora em que a gente está cansado e quer voltar pra casa, mas ainda tem 15 concertos pela frente, mas a gente faz sempre da melhor maneira, seja numa igreja no interior ou numa grande sala de concerto em NY.

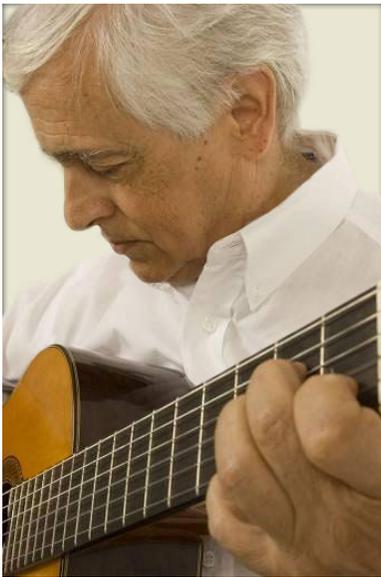
João Luiz – O violão é um instrumento que cobra muito do corpo também, então existe um cansaço físico da prática com o instrumento.

Douglas Lora – Também tem o cansaço de aeroporto, de atraso, locomoção, a gente está nessa há algum tempo. Este ano a gente começou a viajar no dia 2 de janeiro, um dia depois do ano-novo, a gente está aqui nessa turnê [dia 8 de março, data da entrevista] e ainda temos mais uns 10 concertos pra fazer em uma semana e meia, mas a gente vai na raça!

João Luiz – Uma coisa que eu acho que tem a ver da gente estar nessa loucura toda é que a gente tem como grandes exemplos — e acho que nós como brasileiros temos que nos orgulhar muito disso — dois duos que são o que tem de melhor na música de câmara para dois violões, que são os Abreus e os Assads. Então a referência é muito alta, a gente vem dessa tradição de duos e o trabalho que tem que ser feito é pesado, a gente tem enfrentar o cansaço, a saudade, o stress porque a gente tem uma missão.

Douglas Lora – O violão também está sempre com a gente, sempre junto e isso cura qualquer dor.

João Luiz – Exatamente, aliás, bonito pensamento...



Qual foi a influencia do Henrique Pinto (foto) na carreira de vocês?

Douglas Lora – Foi fundamental. Na verdade, o Henrique é um terceiro elemento do Duo. Sem falar do Trio, que é um trabalho à parte, mas foi que ele que colocou a gente junto, que deu força, que descobriu, a gente sempre toca pra ele, até hoje a gente vai lá passar o repertório. Nos ensaios do Trio é sempre uma aula, fora a convivência pessoal que é muito boa, nós somos grandes amigos, a gente ri muito junto, a gente conta muita piada, então eu realmente considero o Henrique como um terceiro elemento.

João Luiz – É verdade, ele é uma pessoa que não só vem à cabeça quando a gente pensa na parte musical, a gente gosta de estar perto dele, a gente sempre absorve coisas do Henrique, a gente gosta de estar junto com ele, a gente sente falta dele nas turnês e a gente está sempre se falando, ele acompanha tudo que a gente faz. Assim como as pessoas da nossa família, ele torce pela gente de uma maneira que é muito bonita de se ver.

Douglas Lora – É um privilégio ter uma pessoa que te dá essa força toda. É o que a gente estava falando em relação a alguns alunos nossos, a gente tenta fazer a mesma coisa que o Henrique passou pra gente, isso é muito importante. Tem muitos professores por aí que colocam o cara pra baixo. O Henrique é justamente o contrário, ele sempre empurra a gente pra frente.

João Luiz – Só falando de uma coisa mais técnica que pode ser interessante sobre o trabalho do Henrique com a gente, ele sempre fez aulas em duo, além das individuais. Então essa questão de tocar com o polegar assim, o som tem que sair de um jeito tal, o seu som complementa com o dele dessa maneira, então o Henrique sempre fez esse papel. Hoje a gente pode dizer que tem uma certa autonomia para preparar peças e saber como trabalhar uma obra e passar isso nas masterclasses por causa do Henrique. O trabalho de sonoridade e leitura, postura correta, etc. Na maioria das vezes, o concertista é preparado pra tocar e não pra dar aula, mas eu acho que a gente pegou isso com o Henrique por ele ser um grande mestre e a gente pôde absorver bastante de como ele pensa e como ele ensina. Com ele a gente não apenas aprendeu a tocar, mas a gente também aprendeu como foi o processo de aprendizado em si.



Como foi a repercussão após vocês terem vencido o concurso do CAG (Concert Artists Guild) em 2006?

Douglas Lora – O concurso do Concert Artists Guild foi o que abriu as portas pra gente aqui nos EUA, foi um dos mais importantes que a gente ganhou. Eles todos do escritório em NY são pessoas maravilhosas, são amigos, são muito competentes e têm tornado possíveis grandes sonhos nossos, tudo que está acontecendo de certa forma vem através deles, as gravações do Tedesco, os concertos com grandes orquestras, as viagens por todo o território americano fazendo a nossa música. E a gente tem total autonomia sobre o nosso trabalho artístico, eles lançaram o nosso CD [Bom Partido, foto] por um selo que eles criaram justamente pra

isso. Eu acredito que foi a nossa cartada final e que graças a Deus teve muito sucesso. O concurso vem desde 1950 e antes de nós, houve 4 grandes violonistas que também venceram, que foram o Manuel Barrueco, o William Kanengiser [do LAGQ], e os irmãos Katona, que são outro duo muito bom. Então a gente fica honrado de ser o primeiro duo brasileiro a ganhar um concurso tão importante.

Alguma dica ou recomendação para quem gostaria de tocar em duo?

Douglas Lora – A primeira coisa é ter uma compatibilidade pessoal muito grande, pois você vai passar muito tempo trabalhando com aquela pessoa. Tocar junto com metrônomo sempre.

João Luiz – Isso porque cada um tem um pulso, até vocês descobrirem qual é o pulso do Duo. Uma coisa legal é que desde o início eu e o Douglas conseguimos achar esse pulso, a gente só foi aprimorando. Mas isso é algo pra se trabalhar, é preciso escolher um repertório adequado. O repertório contemporâneo é muito atraente, essas composições com técnicas novas, os efeitos violonísticos, mas eu acho que a gente nunca pode perder de vista, ainda mais nessa fase inicial, o contato com o repertório tradicional. O que é um repertório de duo? É tocar as peças de Carulli, de Sor, da Renascença, pra aprender como é que soa um duo, quer dizer, primeiro tem que fazer a lição de casa. Eu acho que a gente é meio contra quem quer começar um duo já tocando os arranjos de fulano ou sicrano, aliás escrever arranjo é excelente, mas tem um repertório que é pra ser desenvolvido nessa fase que é muito importante e não pode ser pulado.

Douglas Lora – Tem que começar fazendo bem o feijão com arroz antes de começar a fazer os pratos mais ousados, senão vai ficar uma lacuna de formação.

João Luiz – Outra coisa importante é que duo é música de câmara. Tem muita gente que junta dois solistas e bota os dois pra tocar juntos, mas o pensamento de música de câmara é diferente do pensamento do solista, então é preciso meio que anular essa coisa do solista, porque o duo é outra coisa, é um outro trabalho. Tem muita coisa pra ser feita e acho que o básico mesmo é estudar muito. E meio que fazendo uma propaganda, eu acho que o duo é a formação violonística mais bem sucedida em termos musicais, é a que casa mais um violão com o outro.

Douglas Lora – É mais interessante para os intérpretes também. Porque as peças exigem muito, não é como tocar uma linha dentro de uma formação maior. Eu acho o ponto ideal pra quem gosta de música de câmara.

João Luiz – E também o fato de você poder tocar todo um repertório que o solista não consegue tocar. Não desmerecendo o solo, não é isso, mas é que duo abre uma gama muito maior de possibilidades.

Quais são os projetos em andamento e para o futuro?

João Luiz – A gente vai lançar este ano o CD da Naxos com a obra completa do Castelnuovo-Tedesco. A gente também vai gravar e lançar um CD no Brasil, mas a gente vai deixar os detalhes no suspense, portanto aguardem... (risos) A gente também está preparando um repertório novo de música brasileira

com composições do Douglas, outros arranjos meus e também composições que estão sendo mandadas pra gente, o Marco Pereira escreveu uma suíte, o Paulo Bellinati escreveu peças novas, o Egberto Gismonti também tem material novo. Isso tudo deve se tornar um disco. As colaborações também continuam, a gente vai ter um concerto com o Parker String Quartet, que também é do CAG, que possivelmente vai render outras coisas, pra esse programa tem uma peça do Douglas, tem um arranjo também para um tango e no segundo semestre a gente também deve iniciar uma colaboração com a soprano Sarah Wolfson. A gente também deve fazer muitos concertos com orquestra esse ano, a gente vai tocar o concerto do Castelnuovo-Tedesco, esse ano se comemoram 40 anos de sua morte,

Douglas Lora – Fora as turnês, que este ano a gente vai tocar em todo o território americano de novo, vamos tocar em Bermuda, no Equador, a gente acabou de vir de Londres, provavelmente vamos ter mais concertos na Europa também e a gente já está trabalhando na agenda de 2009.

João e Douglas, agradecemos imensamente pela entrevista. Gostariam de mandar algum recado para os leitores da BGM?

Douglas Lora – Um grande abraço pra galera do do fórum, muito estudo a todos e boa sorte na carreira!

João Luiz – Um grande abraço e a gente agradece pela entrevista!

Site oficial do Brasil Guitar Duo: http://www.concertartists.org/brasil_bio.htm

Recital de Ana Vidovic

*Samuel Huh**

Vou começar a minha série de resenhas falando da abertura do Fenavipi, com o recital da Ana Vidovic.

Rodei 800 km de Dom Eliseu a Teresina, e cheguei no próprio dia do recital, no final da tarde. Chegando lá, me direcionei ao Theatro 4 de Setembro, com espaço para 700 pessoas. Um local bem central e de fácil acesso. Confesso que fiquei receoso de que a casa não fosse ficar lotada, mas o pessoal da organização fez um processo excelente de divulgação, e os lugares foram todos ocupados, além de muita gente que ficou de pé nos corredores laterais.

O festival iniciou com as cortinas fechadas e um som de violão tocando. Aos se abrirem as cortinas, o Erisvaldo Borges estava tocando a Habanera da ópera Carmen, acompanhado de uma cantora. Depois, emendaram no Maria, Maria do Milton Nascimento. Aí já deu pra ver que o festival tinha um objetivo de atingir um público diferente e trazê-lo pra sala de concerto. Ao olhar para a audiência, e conversando com as pessoas na entrada, percebi o enorme número daqueles que nunca tinham visto um recital de violão na vida. Nem mesmo um concerto de música clássica ou instrumental.

Depois, a introdução do Cinéas levantou a galera, levando gente às gargalhadas, e daí entrou a Ana.

O murmúrio na platéia foi evidente, pois deu pra constatar que a Ana não é nada fotogênica: as fotos não fazem juz à sua beleza ao vivo. Os rapazes começaram a gritar "linda", e aí eu pensei: pronto, vai ficar ofendida. Mas que nada, ela com toda desenvoltura respondeu em português: "Obrigada!", fez uma mesura e sentou com um sorriso. Muito carismática e nada ingênua. Deu pra perceber a sua experiência de palco, e como ela se sente bem naquele lugar. Falou um texto com várias frases em português, e dominou o teatro.

O programa que foi distribuído me surpreendeu agradavelmente. Só os hits do repertório para violão. Para aquela situação, e aquele público, nada poderia ser melhor. Uma escolha perfeita, adequadíssima, e que contribuiu muito para o sucesso do recital. Eis o roteiro:

- 1 - Tema e variações da Flauta Mágica, Fernando Sor
- 2 - Suite Castellana, Federico Moreno Torroba
- 3 - Sonatina, Federico Moreno Torroba
- 4 - Recuerdos de la Alhambra, Francisco Tarrega
- 5 - Asturias, Isaac Albeniz

Intervalo

- 6 - Grande Sonata, Niccolo Paganini
- 7 - The Troubadour's Three, Stjepan Sulek
- 8 - La Catedral, Agustin Barrios

Como se pode ver, um programa que é a introdução perfeita ao violão para quem nunca escutou o instrumento. Tirando a peça do croata Sulek, só se ouviu repertório consagrado. Além disso, um repertório que destacaria as suas enormes qualidades técnicas. Enfim, muito bem selecionado. Eram peças do tipo que todos gostam já ao ouvir pela primeira vez.

Ela começou a tocar Sor, e a execução dá um baque na gente. Um som muito limpo, nítido e com corpo. E ao contrário do que pensava, uma busca por variações de dinâmica, timbre e andamento surpreendente. Quem escutou as gravações ou viu os vídeos, pode esquecer. É outra violonista. Essa que se apresentou em Teresina é um Vidovic com idéias musicais amadurecidas, com escolhas muito acertadas, e que move a mão direita



Pena que o violão, apesar de ter uma enorme gama de dinâmica, tenha um som um pouco nasal demais, principalmente nos graves. E não evidencie tanto o trabalho de mão direita realizado. Era um Jim Redgate, que tem características excelentes, mas não faz o meu gosto.

Nas peças de Torroba, uma grande quebra de conceito. Eu achava que ela se destacaria nos movimentos rápidos, mas ela brilhou demais nos movimentos lentos. Consegui ter uma expressividade no Arada, por exemplo, que me emocionou. O que marcou na interpretação desses movimentos lentos foi realmente a expressividade no som, o

trabalho com ralentandos e acelerandos, e as variações dinâmicas. Os contrastes de pianos e fortes foram muito bem apresentados, e as escolhas interpretativas apresentadas com clareza. Além, é claro, de uma tremenda capacidade técnica. Limpeza, nitidez, ausência de erros. Muito melhor do que em todas as gravações que temos ouvido dela por aí.

Pena que a platéia bateu palma quebrando o clima na transição do Arada para a Danza (como aliás, fez em todos os movimentos – mas dá-se um desconto, pois ninguém explicou pra eles).

Recuerdos, como era óbvio de se esperar, foi maravilhoso. Um pequeno compasso pulado no final, imperceptível a quem não conhece, mas fora isso, um tremolo fantástico, muito bom. E, deixando respirar as frases, sem ser mecânico, mas também sem perder o pulso rítmico.

Asturias idem, de cair o queixo, e um desempenho muito bom na seção central lenta.

Essa primeira parte foi uma avalanche. Deixou todo mundo de queixo caído. Se esbarrou uma notinha um pouco mascada foi muito. No intervalo, o comentário era de incredulidade. Todos notaram o crescimento dela como intérprete, a beleza dos movimentos lentos, a sonoridade cheia, e a mão direita e esquerda exemplares. Ela toca bastante com apoio e sem, indistintamente. A mão direita sempre na posição certa, a esquerda sempre parecendo fácil. Os planos dinâmicos bem definidos, as escolhas

interpretativas muito acertadas. Gostei de todos os andamentos que ela escolheu. Não achei nada rápido ou lento demais.

No retorno, ela voltou com Paganini. Talvez aí, no Allegro, a única vez que esbarrou umas poucas notinhas. Mas um desempenho virtuoso e vigoroso.

A peça do Sulek foi pra mim uma surpresa. Depois, durante uma refeição, ela me disse que tinha sido uma peça dedicada ao seu primeiro professor na Croácia. É cheia de efeitos, contrastes, e soou muito bem no teatro. O primeiro movimento (Melancholy) já me pareceu muito legal, mas o segundo (Sonnet) achei bem bolado demais. Tem uma parte lenta e uma outra com uma progressão harmônica que exige aberturas difícilíssimas, com variações de caráter bastante acentuadas. O terceiro (Celebration) me soou um pouco exagerado, mas no todo, é um conjunto impressionante e que funcionou muito bem. A Ana buscou razoavelmente variação de timbres aqui especificamente.

Ao final, La Catedral, também executada em nível excelente.

Como bis, a Ana escolheu os estudos 1 e 7 do Villa Lobos. De novo, achava que ela iria ser mecânica, que agora sim, no Estudo 1, ia ser uma velocidade alucinante e sempre no metrônomo, etc... Mas ela começou num andamento menor do que se esperaria, usou de muita variação dinâmica, fez até um rubatinho! Foi uma afirmação, como se dissesse: agora eu estou fazendo música. E realmente está.



O recital terminou com o Cinéas chamando-a de Tchutchuca, o que virou a piada do festival, e ela tocando duas peças com a garotada de Teresina. Muito simpática.

Saíram todos maravilhados. Se fosse pra colocar algum porém, diria que faltou um pouco de glamour nos movimentos rápidos das peças de Torroba, e um tiquinho mais de energia na Catedral (mas também, pedir isso na última peça de um recital desse é de matar). Porém, lembrando que foi um nível já elevado.

Conversando no final com algumas pessoas, percebi como o recital foi marcante. Tantas pessoas que não conheciam violão tiveram

uma introdução maravilhosa ao instrumento, que acho que o recital cumpriu uma função importantíssima: encantar o público para o instrumento e seu repertório, e deixar todo mundo com vontade de tocar. As mulheres se sentiram respaldadas, as crianças encorajadas, e todo mundo inspirado a pegar um violão. Que prazer foi ver o grau de estupefação com peças como Recuerdos de La Alhambra e Asturias, me lembrando o meu sentimento quando as ouvi pela primeira vez também.

Alguns podem ter achado que ela não tem tanta variação de colorido, e realmente não é o seu foco principal, mas que ela está buscando timbres, ela está. E tomando boas decisões. Além disso, aposto que num violão menos plano no timbre, o resultado seria melhor. A Ana verdadeiramente pertence ao palco, tem uma desenvoltura invejável e cresceu muito como intérprete. Ela mesma disse isso numa masterclass: antigamente, ela focava bastante na técnica e esquecia um pouco da interpretação, mas nos

últimos anos, está se concentrando e aprendendo a analisar musicalmente uma peça, a cuidar da interpretação, da sonoridade e da beleza que se deve passar ao público. Uma auto-crítica que mostra o amadurecimento dessa violonista, e que essa beleza que se passa vai muito além da beleza física que tem. Fechei os olhos durante grande parte do recital, para comprovar, e continuei achando maravilhoso.

Eu assistiria, sim, a Ana Vidovic de novo, e sempre que puder o farei.



Samuel Huh é formado em Comunicação Social pela ESPM e também cursou Engenharia de Produção na USP. Estudou violão com Antonio Carlos Sarno, e manteve breve carreira como camerista, sendo hoje violonista amador e amante de violão. Chegou a manter um duo como recitalista, tocou com a orquestra de bandolins de SP, deu aulas de violão e história de MPB em convênio com o centro acadêmico da ESPM. Samuel é também moderador do fórum violao.org, a mais importante referência de violão erudito no Brasil.

Recital de Fábio Zanon

*Samuel Huh**

Quando eu fui ao Fenavipi, estava ansioso demais pelo recital do Zanon. O Fábio é daqueles músicos que geram em mim um grande interesse, aquela sensação de que se não assistir a aquele recital posso estar perdendo uma performance única, que a mágica é diferente a cada apresentação.

O recital ocorreu no auditório da Oficina da Palavra, um espaço para umas 150 pessoas, onde aconteceram grande parte dos eventos do festival. Como a procura era grande, fiz questão de chegar cedo e garantir meu lugar. Nesse período pré recital, fui conversando com o pessoal. Todos também apresentavam expectativas altíssimas, e além disso, a pergunta do dia era se o Zanon falava tão bem quanto escreve. Pensei com meus botões: o Zanon vai ter que se superar pra não frustrar essa audiência, vai ser difícil.

Quando foi divulgado o programa fiquei agradavelmente surpreso: um repertório renascentista e brasileiro. Sempre ouvimos o Zanon falando de sua propensão natural ao Renascimento inglês, e particularmente, eu estava curioso pra saber como ele iria se virar no repertório brasileiro:

- 1) Sir John Langton's Pavan, John Dowland
- 2) The Earl of Essex his Galliard, John Dowland
- 3) Chromatic Pavan and Galliard, Peter Philips
- 4) Estudos 9, 4, 7, 6, Francisco Mignone
- 5) Pequena suite, Radamés Gnattali
- 6) Preludio Pitoresco no.4 "Na ilha abandonada...", Isaias Savio
- 7) Impressões de Rua, Isaias Savio
- 8) Batucada, Isaias Savio
- 9) Preludio Incidental, Erisvaldo Borges
- 10) Flor das Águas, Marco Pereira
- 11) Itanhangá, Paulinho da Viola

Bis: Toccata em ritmo de Samba, Radamés Gnattali

No programa original, havia peças de Laurencini, Cato e Bobrowicz, ou seja, mais Renascimento, mas na hora foram substituídas pelos estudos do Mignone.

O Zanon entrou com o violão Daryl Perry e um capo na casa 3. Um violão novo, com sonoridade um pouquinho escura e graves muito bons. As primas ainda verdes, mas já interessantes. A Pavana inicial me levou a outro mundo. Aqui, tenho que falar um pouco da minha formação musical: quando estudava no conservatório, o professor ficou um ano inteiro só me passando peças renascentistas! Um ano inteirinho! E odiei tocar cada uma delas. Cresci ouvindo Chopin, Tchaikovsky, Debussy e Ravel. Eu não conseguia gostar e ver na música renascentista algo pra me emocionar. Bem, retornando ao presente, me vejo ouvindo o Zanon tocando uma pavana, que no meu ponto de vista, é o tipo de dança mais difícil de

se extrair algo. Principalmente repertório inglês. O andamento lento, o tom solene, e a condução difícil de vozes podem fazer uma pavana se tornar uma música fria, sem nuances, mecânica. Considero as pавanas do repertório renascentista inglês complicadíssimas, mas o Zanon extraiu algo que eu não tinha visto antes: sentimento. Passou um ar de solenidade, organicidade e novidade. Condução de vozes muito bem feita, com planos tímbricos separados, variações sutis de clima sem ser caricato, e sempre uma sonoridade bem ressoante. Fiquei até com vontade de pegar as partituras e tocar de novo! Professor, demorei 15 anos, mas enxerguei!



Ele então falou um pouquinho sobre a peça e sobre o compositor. Bem, se alguém tinha dúvida, o Fabio fala tão bem e até melhor do que escreve. Tem uma percepção clara do que precisa ser dito pra não deixar pontos de dúvida, pontas soltas na cabeça do ouvinte. Além disso, sabe levar um tom de discurso que captura o interesse, e solta aqui e ali pedaços de informação interessantíssima, em frases casuais, que mostram que existe um poço de cultura por baixo daquela superfície. E principalmente, é conciso. Explicou um pouco sobre o período elizabetano, sobre Dowland, e sobre a diferença de caráter entre pавanas e galhardas, uma dobradinha recorrente no período. As galhardas um pouco mais movidas e alegres que as pавanas. Também introduziu Peter Philips e as peças que iria tocar a seguir.

A galharda de Dowland foi outra revelação. Criar um tom solene é até fácil. Mas impedir que se torne maçante e sério demais, é um desafio. A galharda foi tocada misturando a solenidade de uma corte, mas transmitindo alegria, frescor. Nada muito escancarado, mas em nuances sutis, de novo, com uma sonoridade diferente. Muito interessante notar como o Zanon muda a sonoridade de acordo com a peça. Essa galharda tinha um plano tímbrico mais aberto, uma sonoridade menos cheia que a pavana.

As peças de Peter Philips seguiram o mesmo roteiro: planos sonoros, mudanças de sonoridade geral, variação de caráter. Neste caso específico, a pavana e a galharda têm notas muito parecidas, e considero difícil promover a mudança de caráter entre as duas. Mas isso aconteceu, tivemos emoções diferentes para cada dança, gostos diferentes na boca.

Os estudos do Mignone são sensacionais. Eu tinha a impressão que esses estudos realmente tinham um tesouro escondido, mas que não estavam vindo à tona. Neste recital, a coisa clareou. O Zanon tem uma visão desses estudos muito forte, me parece que a identificação que ele tem com as peças é profunda. O senso rítmico e de acentuação no estudo 9, a virtuosidade do 4, a poesia e drama do 7 e o lirismo do 6. Olha, o Fábio precisa gravar isso, sinceramente.

Com relação aos estudos, uma observação: todo mundo, durante todo o festival, bateu palma demais, em toda a peça, em toda apresentação. O ar condicionado do auditório fazia enorme barulho, o clima era de descontração. Daí, o Zanon começa a tocar o estudo 7, muito lento, e fazer mágica. O silêncio que ficou esse auditório não está no mapa. A carga emocional ia aumentando ao longo da peça, os efeitos sublimes (que é que foi aquele toque com mindinho e mão espalmada pra cima!), parecendo um drama do Almodovar, só que em formato de música. Quando o Zanon terminou, num silêncio total, e colocou a

mão no cavalete, eu sabia que era hora de aplaudir, mas simplesmente não consegui. Fiquei ali, segurando a emoção junto com ele. O auditório inteiro idem, nenhum se atreveu a quebrar aquele clima. Até o ar condicionado silenciou, se meus ouvidos não me enganam. Daí, consegui o meu momento mágico, que não vai se reproduzir mais de forma igual em nenhum outro recital do Zanon que eu vá. Valeu a viagem.

A unha do Zanon deu uma quebrada nesse momento, e ele alternou peças com bastante histórias, pra dar tempo de ir ajustando a unha com a lixa a partir daí. Uma excelente presença de palco.

A suite do Gnattali veio em seguida, com 3 movimentos: pastoril, toada e frevo. De novo, a capacidade do Zanon alterar o caráter dos movimentos sem tirar a coerência entre eles se mostrou.

Já as peças de Sávio foram tocadas com clima diferente, mais leve, dando início a uma seção mais descontraída. Destaco aqui a Batucada, que é uma peça de excelente efeito, mas muito difícil de não soar brega. Aquelas batidas no violão que vão diminuindo de intensidade até se tornarem uma sequência de graves, têm uma linha dinâmica muito perigosa, e podem parecer também sem sentido, desligadas do restante. Mas o Zanon dosou bem isso, fez uma transição legal e deu um balanço na parte central legal.



A peça do Erisvaldo, o Prelúdio Incidental, tinha sido tocada no recital do Erisvaldo pelo próprio. É uma peça que toma emprestado o tema inicial de Lágrima, de Tarrega, e foi dedicada ao Zanon. Fiquei curioso para comparar como o Zanon a tocava em comparação com o Erisvaldo, e devo dizer que ele se apropriou dessa peça. Criou uma visão dele, e saiu também maravilhosa. Muito interessante notar aí a mão do intérprete, como cada cabeça decodifica e exprime diferentemente uma mesma partitura. O Erisvaldo saiu felicíssimo, adorou escutar!

Aí, vem o Flor das Águas, peça belíssima do Marco Pereira. É o tipo de peça que casa bem com o Zanon. Lírica, expressiva. O Zanon traz um refinamento a essa interpretação que não costumamos ver. Esse olhar de nuance, de planos sonoros. Sem perder a singeleza.

No final, uma surpresa muito agradável. Não sabia que o Paulinho tinha peças de violão escritas. Mas tem, e é muito legal. Aquele estilo inconfundível do Paulinho da Viola em forma de música instrumental. Com certeza vou procurar mais!

O bis veio com a Tocata, que todos já sabemos o quanto o Zanon brilha nela. De novo, mesmo com a unha quebrada, brilhou.

Um desempenho impressionante, marcante. Na parte técnica não foi aquela avalanche, mas também o Zanon arrisca demais, vai nos limites. A unha quebrada parece ter prejudicado um pouco, mas nada que se percebesse tão claramente. O ponto é que o Fabio superou aquelas altíssimas expectativas, e deu um recital recompensador.

O que me impressionou ao final foi a capacidade do Zanon enxergar música dentro da música. Esse ouvido interno que se exterioriza de forma emocionante a quem ouve. A expressão exterior dessa mistura interior é mágica. Foi um recital de carga emocional altíssima, saí tocado, e com vontade de tocar. Renascimento inglês até!



Samuel Huh é formado em Comunicação Social pela ESPM e também cursou Engenharia de Produção na USP. Estudou violão com Antonio Carlos Sarno, e manteve breve carreira como camerista, sendo hoje violonista amador e amante de violão. Chegou a manter um duo como recitalista, tocou com a orquestra de bandolins de SP, deu aulas de violão e história de MPB em convênio com o centro acadêmico da ESPM. Samuel é também moderador do fórum violao.org, a mais importante referência de violão erudito no Brasil.

Recital de João Carlos Victor

*Samuel Huh**

O recital do João Carlos Victor estava agendado para as 8 da manhã. Um horário ingrato, tendo em vista que o pessoal estava indo dormir um pouco tarde. Mas, como o João vinha muito bem recomendado, fiz um esforço e acordei cedo. O recital acabou atrasando um pouco, e iniciou quase uma hora depois do horário, o que foi bom para os que, como eu, chegaram um pouco depois das oito no auditório.

A expectativa em cima do João era grande, pois todos que estavam no festival do ano anterior comentavam como ele tinha ido bem naquele concurso, que tinham tido uma experiência inesquecível. Aliás, é uma reação que venho percebendo ser recorrente: todos os que ouviram o João tocar falam dele com entusiasmo marcante. Outra constatação foi a de que todos os que estavam no Festival este ano, e que já tinham ouvido o João antes, acordaram cedo e marcaram presença no auditório. Dois fatos que mostram que esse é um intérprete que toca na sensibilidade das pessoas.

Quando vi o programa, pensei: "ele está forçando a barra, querendo abraçar o mundo!":

- 1) Ricercars 38 e 57, Francesco da Milano
- 2) Ciaccona BWV 1004, J.S.Bach
- 3) Standchen e Aulfenthalt, Franz Schubert / J.K. Mertz
- 4) En los Trigales, Joaquin Rodrigo
- 5) Due Canzoni Lidie, Nuccio D'Angelo

Bis 1: Milonga para Jacinto Chiclana, Astor Piazzolla e Jorge Luis Borges

Bis 2: Alfonsina y El Mar, Ariel Ramirez

Como se pode perceber, um programa de progressão histórica. Começa com renascença, passa no barroco, aborda romantismo, repertório espanhol, e século XX. Uma receita certa pra fazer um recital bem mais ou menos.

Por quê?

Porque a tendência é acontecer dele brilhar muito mais em um tipo de repertório do que em outro, ou de não convencer em algum deles. É muito difícil conseguir extrair um desempenho geral notável num programa assim, na minha opinião. Além disso, duas peças de grande extensão, pesadas como a Chacona e as Duas Canções Lídias.

Então, preocupado e talvez um pouco cético, recebi sob aplausos a entrada do João Carlos Victor, com seu Samuel Carvalho cedro e capo na casa 3 para as Ricercars.

A primeira Ricercar que ele tocou causou de cara um impacto diferente. A essa altura do festival, já tinha ouvido dezenas de violões sendo tocados nas mais diversas situações: masterclasses, recitais,

estudos nos corredores, testes de luthiers... Mas, o som do João tem aquela característica especial que parece te fazer acordar num outro planeta. Imediatamente você pára tudo, fica quieto, e só quer ouvir o que aquele rapaz no palco está fazendo. E nesse clima ele levou a Ricercar até o final, demonstrando, além da sonoridade, uma técnica muito bem resolvida. Por exemplo, escalas muito firmes, sob total controle. Pareciam ágeis, leves, fluídas, como se fossem verdadeiros arpejos de mão direita.

Ele mostrou uma interpretação muito orgânica, fresca, fazendo parecer que essa peça estivesse sendo estreada naquele momento. Não é que ele tenha modernizado a Ricercar, mas todo o contrário: nos transportou para aquela época, nos fez ouvir com os ouvidos de um homem renascentista, e sentir dessa forma orgânica, não-distanciada, aquela composição.



Então, ele se apresenta, diz que não fala tão bem quanto o Zanon, e nem é tão bonito quanto a Vidovic (risos), mas que espera que todos gostem do recital. O João tem um carisma só dele, sabe impor sua presença no palco, e angaria simpatia da audiência com seu jeito tranquilo (só podia ser baiano). O tempo vai desenvolver ainda mais sua capacidade oratória e agilidade verbal, mas já está tudo lá, ele tem uma facilidade natural para se expressar.

A segunda Ricercar foi com a mesma magia da primeira. Muito bem conduzida, com sentido, vida, e uma facilidade incrível. Muitas vezes, um concertista nos deixa apreensivos, temendo

que ele possa errar a qualquer momento. Não é o caso do João, que nos faz esquecer que existe a possibilidade de erro. Ele toca muito fácil, e é até um susto quando muito ocasionalmente esbarra uma notinha. A ornamentação muito viva foi outro fator impressionante da performance.

Daí, veio a Chacona. É claro que eu, como todo mundo, estava ansioso para ver o que ele ia tirar dessa peça. E ele começou naquele andamento que eu gosto: nem rápido demais, o que tiraria a sua aura imponente, nem devagar demais, o que a tornaria maçante. Além da escolha muito acertada no andamento, ele conseguiu imprimir um tom solene, magnânimo à peça. Esse tom que é fundamental para a Chacona ter o seu núcleo vital. Nesse clima, ela vive, respira, acontece. A interpretação trouxe essa vida, fazendo a Chacona andar naquele ritmo solene e soturno, como quem anda resignado. A sonoridade aqui se tornou cheia, preenchendo o ambiente suavemente, abraçando os nossos ouvidos e envolvendo-nos emocionalmente de forma gradual. A peça vai se desenvolvendo, a interpretação e o sentimento junto com ela. Forma-se um grande arco emocional, o nível de interesse nunca cai, até chegar ao final, completando um desempenho maravilhoso. Existem muitas formas diferentes de tocar a Chacone, mas todas deveriam passar esse ar nobre que o João conseguiu transmitir. A Chacone é isso, exatamente esse gosto na boca ao final.

Passemos às canções de Schubert, transcritas por Mertz. O João imprimiu um grande sentimento de melancolia à primeira, tocando de forma expressiva e lúdica. O cânone, presente na primeira canção, foi exemplarmente conduzido, e o ar de romantismo tomou conta do auditório. A segunda canção assumiu um caráter um pouco mais intenso, enérgico, até mesmo agressivo ocasionalmente. Gostei muito, apesar

de tecnicamente ter sido o momento mais delicado do recital, com algumas notas esbarradas e ligados um pouco estalados. Principalmente em canções desse caráter, qualquer quebra na sonoridade aparece demais. O desfecho careceu de certo impulso, ficou um pouco solto demais, mas, repito, um desempenho notável.

Aqui, o João Carlos Victor anunciou que, por causa do tempo, pularia o En Los Trigales, para terrível desapontamento de toda a audiência. Garanto que todos estavam morrendo de vontade de escutar o Rodrigo do João. Fica uma sugestão para a próxima vez: quando for assim, toque no bis, João!

Daí, ele passou para as Due Canzoni Lidie. Um tipo de repertório que tem o terrível potencial de soar sem pé nem cabeça. E, confesso, raramente consigo ouvir até o final. Ele explicou um pouco sobre a composição, citando as palavras do Nuccio D'Angelo, falando sobre encontrar num jardim encantado vestígios de uma civilização antiga, maravilhando-se com as similaridades e diferenças encontradas naquelas ruínas. E o João tirou da cartola a mais impressionante interpretação das canções lídias que já escutei. O clima que ele estabeleceu cativou a minha atenção, e não me desconectei em momento algum, como é comum de acontecer quando escuto essas peças. Embarquei em mais uma viagem, agora a esse jardim encantado, vivendo etereamente aquele ambiente onde as dissonâncias começaram a soar mais consonantes, a linguagem mais familiar, e a peça me pegou. Continuo não gostando das canções lídias, mas agora, posso dizer que gosto da música que o João Carlos Victor faz com elas.



Como era de se esperar, aplausos de pé, apupos, e o Bis.

Ele tocou a Milonga para Jacinto Chiclana, que eu conheço bem. Essa milonga do Piazzola sempre foi uma de minhas preferidas. Bem, novamente, embarcamos numa viagem, desta vez para Buenos Aires. O clima porteño se instaurou na sala, o João parecia hemano e o violão virou guitarra clássica. No meio da peça, uma surpresa: ele começa a declamar, se acompanhando ao violão, a poesia do Jorge Luis Borges, num baiano legítimo! Achei um toque muito charmoso, hipnotizante até. Uma embananadazinha ao final da declamação, na parte do violão (a declamação foi perfeita, até variou a entonação das frases) mas ainda assim, digno de muitos aplausos.

Só porque o cronograma estava atrasado, o João foi o único recitalista a dar 2 bis. A galera não deixou ele sair. Ele retornou, contou a história de Alfonsina y El Mar, em que a poetiza Alfonsina se suicida no mar, e que esta foi a primeira música que ele ouviu o professor tocar, quando ele estava vivendo um momento delicado na vida dele, no pátio da sua escola, quando todos os meninos pararam pra escutar. E no auditório, todos pararam também.

Uma coisa que me ficou ao final do recital, além do queixo caído, foi a capacidade do João de levar a gente aos mais diversos lugares, e o sentimento de nostalgia que fica na gente, quase como se sentíssemos saudade desses lugares visitados. O João imprime a todo o repertório uma característica

muito própria, especial, sendo ao mesmo tempo fiel ao texto e fiel a si mesmo. O elo de ligação entre todas essas diferentes peças do repertório foi o próprio João Carlos Victor, que deu uma unidade sólida a todo o recital, que de outra forma, teria sido uma colcha de retalhos. Essa capacidade de ciceronear a audiência, a técnica muito fácil, e a extrema personalidade na forma de tocar, me deixaram realmente impressionado.

É claro, os planos de sonoridade buscados poderiam ser um pouco mais detalhados, a técnica mais impecável, o acabamento ainda um pouquinho mais polido, principalmente ao se tocar e trocar acordes. O violão poderia não ser de cedro. Porém, esse jovem concertista já é um músico de alta estatura, que cria um conceito de som diferente, produz uma esfera diferente, gera um silêncio diferente. Se continuar amadurecendo, vai chegar muito longe. Além disso tem carisma.

Ah! E agora, como também já ouvi, posso falar com entusiasmo: João, você realmente não é eloquente como o Zanon e bonito como a Vidovic, mas eu gostei, e muito, do seu recital!



Samuel Huh é formado em Comunicação Social pela ESPM e também cursou Engenharia de Produção na USP. Estudou violão com Antonio Carlos Sarno, e manteve breve carreira como camerista, sendo hoje violonista amador e amante de violão. Chegou a manter um duo como recitalista, tocou com a orquestra de bandolins de SP, deu aulas de violão e história de MPB em convênio com o centro acadêmico da ESPM. Samuel é também moderador do fórum violao.org, a mais importante referência de violão erudito no Brasil.

Leandro Souza*

Dia desses reencontrei uma velha amiga que não via há muito. Questionado sobre minhas últimas atividades profissionais, comentei que estava me divertindo muito trabalhando com áudio publicitário, compondo jingles e trilhas, gravando locuções, criando vinhetas de abertura para programas de rádio e TV etc.

— *Ahhh então é você que faz aquelas musiquinhas?* ”

Dissimulando o tom pejorativo, fixei o olhar no horizonte, espremi os olhos, e levando o dedo indicador da mão direita ao queixo, matutei:

“*Musiquinha? Vejamos...*”

Tudo começa na reunião de *briefing*. Em seu termo mais simples, *briefing* significa a passagem de informação de uma pessoa para outra: na aeronáutica, diz respeito à reunião de informações necessárias antes da decolagem para que o avião levante vôo em segurança. Na publicidade, é o conjunto de informações necessárias para dar início a uma produção, seja ela visual, musical, audiovisual etc. Na reunião de *briefing* são definidas coisas como: duração do comercial, duração de veiculação, público-alvo – faixa etária/masculino/feminino/classe A/B/C/D/E – estilo musical, canal de TV ou rádio em que será tocada a peça, se o estilo musical será compatível com o público-alvo de tal rádio (não dá pra fazer uma Bossa Nova se o comercial será veiculado na Jovem Pan), se será preciso inserir uma locução, definir qual seria o “clima” da música (a famosa *metereologia musical*): animada, contida, bem-humorada, triste, dramática, impactante, reunir o maior número possível de informações a respeito do produto ou estabelecimento, seu ponto forte, seu ponto fraco, se abre, fecha, estica, dobra, imita o Sílvio Santos ou liga pra mãe no feriado, enfim...

Feito isso, parte-se para a composição. A melodia deve ser clara, precisa e objetiva, com o cuidado de não ficar chata e virar um daqueles famigerados chicletes de ouvido que só acabam irritando o ouvinte. Se for pra Rádio, levar em consideração que o ouvinte de rádio não está mais nos anos 40, quando ele sentava em sua poltrona favorita com seu cachimbo ou crochê e dedicava sua atenção quase total aos saudosos programas de auditório e radionovelas. O ouvinte de hoje dirige, cozinha, passa roupa e trabalha ouvindo rádio, há sempre uma atividade paralela. Se contiver excesso de informação, a mensagem passa batida. Se for pra TV, cuidado: o telespectador já tem que absorver as informações visuais, mas às vezes nem está de olho na TV e mesmo assim o recado deve ser transmitido. Sabe quando você não está olhando para o seu singelo televisor e tudo de repente fica mudo? Você olha para saber o que está havendo, correto? A idéia é sempre fazer com que a música também cause isso... não há inspiração? Paciência, ela

tem que vir, nem que isso custe uma volta no quarteirão correndo para liberar endorfina. Ou como diria minha cara amiga jornalista Lívia Araújo: “somos 2% inspiração e 98% transpiração, mas bem que aqueles 2% poderiam aparecer agora...” no meu caso, procuro estar estimulado 24h por dia. Leio, estudo, ouço muita música e de qualquer parte do mundo, assisto bastante TV, cozinho, vou a shows, museus e exposições, procuro me alimentar bem, fazer exercícios, deixar minhas coisas em ordem na medida do possível, converso, procuro pessoas e ambientes estimulantes, e o mais importante, relaxo. A dica é não deixar o cérebro ficar tenso ou preguiçoso, caso contrário você vai atrasar. É fato.

A composição não deve demorar. Geralmente, a primeira idéia é a que vale. Se for ficar “rodando muita lâmpada”, pode esquecer a boa noite de sono.

Feita a composição, parte-se para a produção e arranjo: é preciso definir o tom e gravar uma guia. A guia geralmente é só uma voz ou um violão, que, como o próprio nome já diz, servirá para guiar o processo de gravação dos outros instrumentos. Imagine gravar uma bateria de uma música inteira sem ouvir um acompanhamento, mas só imaginando a melodia, a harmonia? Não digo que é impossível, mas com uma guia é infinitamente mais fácil. Feita a guia, grava-se bateria, baixo, cantor, vozes, uma percussãozinha ali, uma frase de violão ali, comer uma barra de cereal, tomar um copo d’água, regravar aquela notinha desafinada, mixar e masterizar.

A mixagem é o processo que envolve, grosso modo, a equalização dos instrumentos e o equilíbrio entre os seus volumes. Por exemplo: é normal sobrar frequências graves no violão que o deixam com o som abafado. Equalizar vai deixá-lo mais claro e definido. Além disso, ele pode estar muito baixo, precisando de mais volume para aparecer mais na música e criar uma dinâmica mais precisa com os outros instrumentos.

Já a masterização significa produzir a “master”, a *matriz*, ou seja, fazer com que a música fique prontinha para ir ao ar. A masterização envolve procedimentos parecidos com os da mixagem, desta vez não nos instrumentos separados, mas sim na música integral. Produzir a master, portanto, significa basicamente equalizar a música como um todo e definir um volume padrão para ela, certificando-se de que o jingle ou a trilha não irá pro ar com um volume mais baixo que os outros materiais que já estão no ar.

Com a democratização dos estúdios, todas estas tarefas se tornaram bem mais acessíveis. Hoje já é possível gastar pouco para se ter um equipamento razoável e concluir todas as etapas de produção de uma peça publicitária na tranquilidade da sua residência. Hoje há uma gama enorme de softwares que reproduzem instrumentos com perfeição, não sendo mais necessário, por exemplo, gravar uma orquestra inteira num estúdio enorme. Está tudo no computador, à distância de um comando. Claro que, no caso do sempre urgente mercado publicitário, isso traz benefícios fantásticos, tornando possível produzir e gravar um jingle com qualidade extra-profissional num espaço de tempo cada vez menor. No entanto, lembre-se: o avanço tecnológico é uma dádiva, mas no fim das contas o que conta mesmo são as idéias. Se a idéia for ruim, se a música não convencer, não empolgar, não respeitar o briefing e não chegar ao ouvinte da maneira planejada, não há equipamento no Planeta Terra que possa dar um jeitinho.

E por falar em tempo: geralmente todas aquelas informações tem que caber em 30 segundos e deve ser entregue, na média, em dois dias. Varia. Às vezes o prazo é de uma semana, dá até pra tomar um cafezinho, mas acontece também do pedido chegar no fim da tarde e ser entregue impreterivelmente pela manhã do dia seguinte.

Mandar para o cliente, a hora mais cruel. Existem 50% de chances de pedirem alguma alteração, isso é normal. Mas não espere algo do tipo: “não gostei daquele lá sustentado no 5º compasso, não poderia ser um mi bemol?”. É mais plausível você ouvir algo como “Achei a trilha um pouco azul, não dá pra ser mais esverdeada?” Aí você acaba evocando Oxum, abre uma garrafa de cerveja e joga pipoca no seu violão para conseguir psicograf... digo, traduzir o que ele quis dizer com isso. Na maioria das vezes, isso acontece quando já tem outro jingle na fila e você precisa não de 2, mas sim 98% de inspiração.

Musiquinha? Sim, sou eu mesmo que faço! E adoro...



Leandro Souza é formado em Rádio e TV pela UNESP e violão popular pela Universidade Livre de Música. Músico, radialista e locutor, compõe, produz, toca, canta, varre, lava, passa e leva o lixo pra fora.

Site: <http://www.myspace.com/leandrosouzaesilva>

Partitura

Peça de Angelo Zaniol para violão solo, comentada por Eugênio Reis

Em meados do ano de 2007, num daqueles passeios “acidentais” que eu vez por outra faço na Internet, me deparei com um projeto de site dedicado à obra do violonista João Pernambuco. Lá constava a data prevista de inauguração oficial da nova página, que coincidia com o aniversário de falecimento de João Pernambuco. Volta e meia eu me lembrava do site e verificava o andamento, até que finalmente entrou no ar. Sequer imaginava eu que o autor do site era um ser humano tão gentil quanto generoso e que viria a me presentear com algo que é tão valioso que eu ainda reluto em me sentir merecedor.

A pessoa de quem falo é o italiano Angelo Zaniol. Rigoroso na aplicação dos critérios científicos da pesquisa musicológica, ele criou na Internet a referência mais confiável para quem quiser obter informações a respeito da obra desse compositor que é um dos grandes pilares do violão brasileiro no século XX.

Além de pesquisador, Angelo também é músico de enorme talento. Ele vem enriquecendo o seu site não apenas com pesquisa histórica, mas com instigantes e muitas vezes provocativas versões de músicas de João Pernambuco arranjadas para dois violões. São arranjos que nos fazem descobrir nuances e perceber melhor a riqueza da música do compositor nordestino.

Além de arranjador, Angelo também é um refinado compositor e a prova cabal disso poderá ser vista na partitura impressa nas próximas páginas. O choro Trava-Dedos é uma belíssima composição, escrita com um sabor de choro do princípio do século XX, com generosas doses de contrapontos de inspiração barroca. A harmonia, trabalhada com igual apuro, se permite contemplar e admirar em sua plenitude através de belas seqüências de arpejos na parte central da música. E como o próprio nome sugere, a peça exigirá bastante fluência técnica de qualquer intérprete que se candidatar a tocá-la.

Eu não poderia estar mais emocionado. Conforme disse antes, ainda reluto em me sentir merecedor de ser o dedicatário de uma obra tão bonita. Ao Angelo Zaniol, ser humano de uma inteligência e de uma generosidade ímpares, só me resta dizer o quanto estou emocionado e o quanto lhe sou grato.

Segue abaixo uma breve biografia de Angelo Zaniol, escrita por seu amigo Hélio Amaral:



Angelo Zaniol nasceu em Veneza em 1937 e durante quatro decênios ensinou Língua e Literatura Francesa, mais várias outras matérias como Organologia e História da Banda Desenhada, na Universidade de sua cidade natal. Agora é aposentado e vive em Castelfranco Veneto, que foi a pátria do grande pintor renascentista Giorgione. Desde 1975 é casado com Sonia Sonda, natural de Paris e ela também professora. O casal tem dois filhos, Sebastiano e Simone, formados respectivamente em Engenharia das Telecomunicações e Informática, além de serem ambos bons músicos semi-profissionais (órgão o primeiro, clarinete e bateria o segundo).

Desde criança Angelo Zaniol manifestou grande interesse pela música e seus instrumentos. Na juventude fez por muitos anos estudos particulares de harmonia, contraponto, composição, piano e violão clássico com os melhores mestres de Veneza, o que hoje lhe permite compor e arranjar qualquer tipo de música com segura competência. Nos anos 1976-1991 dedicou-se também, com êxitos notáveis, à (re)construção de cópias fiéis de numerosos instrumentos históricos, quer de sopro quer de cordas. Por fim, também possui um certo talento como desenhista, sobretudo retratista, mesmo jamais tendo o tempo necessário para estudar esta nobre arte com a devida aplicação.